



Ananias Norberto Chivavel

EXISTÊNCIA HUMANA PARA ALÉM DA HISTÓRIA – DUAS CONSTATAÇÕES

KARL JASPERS E GABRIEL MARCEL

Ananias Norberto Chivavel

**EXISTÊNCIA HUMANA PARA ALÉM DA
HISTÓRIA – DUAS CONSTATAÇÕES:**

KARL JASPERS E GABRIEL MARCEL

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2021



Copyright © Editora Metrics

Imagens da capa: Pixabay

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C543e Chivavel, Ananias Norberto

Existência humana para além da história - duas experiência e constatações [recurso eletrônico] : Karl Jaspers e Gabriel Marcel / Ananias Norberto Chivavel. - Santo Ângelo : Metrics, 2021.
95 p.

ISBN 978-65-89700-46-3

DOI 10.46550/978-65-89700-46-3

1. Filosofia. 2. Existencialismo. 3. Jaspers, Karl, 1883-1969 4. Marcel, Gabriel, 1889-1973. I. Título

CDU: 141.32

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2021

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora Metrics

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Metrics

Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

- Dr^a. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba
 Dr^a. Célia Zeri de Oliveira
 Dr. Charley Teixeira Chaves
 Dr. Douglas Verbicario Soares
 Dr. Eder John Scheid
 Dr. Fernando de Oliveira Leão
 Dr. Glaucio Bezerra Brandão
 Dr. Gonzalo Salerno
 Dr^a. Helena Maria Ferreira
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana
 Dr. Jenerton Arlan Schütz
 Dr. Jorge Luis Ordelin Font
 Dr. Luiz Augusto Passos
 Dr. Manuel Becerra Ramirez
 Dr. Marcio Doro
 Dr. Marcio Flávio Ruaro
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral
Dr^a. Marta Carolina Gimenez Pereira
 Dr^a. Mércia Cardoso de Souza
 Dr. Milton César Gerhardt
 Dr. Muriel Figueredo Franco
 Dr. Ramon de Freitas Santos
 Dr. Rafael J. Pérez Miranda
 Dr. Regilson Maciel Borges
 Dr. Ricardo Luis dos Santos
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz
 Dr^a. Rosângela Angelin
 Dr^a. Salete Oro Boff
 Dr^a. Vanessa Rocha Ferreira
 Dr. Vantoir Roberto Brancher
Dr^a. Waldimeiry Corrêa da Silva
 URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
 UFPA, Belém, PA, Brasil
 PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
 UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
 UZH, Zurique, Suíça
 IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
 UFRN, Natal, RN, Brasil
 UNCA, Catamarca, Argentina
 UFPA, Lavras, MG, Brasil
 UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
 UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
 CIESS, Cidade do México, México
 UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
 UNAM, Cidade do México, México
 USJT, São Paulo, SP, Brasil
 IFPR, Palmas, PR, Brasil
 IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
 UFBA, Salvador, BA, Brasil
 ESEMEC, Fortaleza, CE, Brasil
 URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
 UZH, Zurique, Suíça
 IFTO, Araguaína, TO, Brasil
 UAM, Cidade do México, México
 UFPA, Lavras, MG, Brasil
 IFRS, Vacaria, RS, Brasil
 UFPA, Belém, PA, Brasil
 URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
 IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
 CESUPA, Belém, PA, Brasil
 IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
 ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

A todos que procuram educar, ensinar sem prescindir da Razão e Fé. À minha família, amigos e amigas. São os privilegiados desta dissertação hoje transformada em livro, por isso vai o meu obrigado por tudo que foram para mim.

AGRADECIMENTOS

De dissertação passa ao primeiro livro da minha autoria, resultado de horas incansáveis de leituras marcadas por imensas renúncias. Porque foi possível e sem mérito algum do meu lado, agradeço a Deus que é autor da vida e, por tudo quanto opera em minha vida especialmente por me constituir *servus servorum* pelo ministério do sacerdócio. Agradeço à Universidade Sagrada Família, atualmente Universidade Save - extensão Maxixe pela oportunidade criada para que, os estudantes possam progredir na investigação científica.

À Professora Doutora Isabel Vilanculos que com toda franqueza e sorriso abriu-me as portas desta dissertação que hoje se torna um livro, a qual também aceitou prefaciá-lo, sou devedor e admirador, sendo ela pesquisadora na linha do personalismo.

Ao Prof. Dr. Pe. Ézio L. Bono, amigo e colega no sacerdócio; Aos Professores Doutores que conosco partilharam as suas pesquisas científicas, particularmente na turma dos mestrados em Ensino de Filosofia, que com a sua paciência e delicadeza tornaram possível este mestrado levando-nos a uma pesquisa e busca séria de conhecimentos, e a todos que no seu silêncio muito fizeram dando o seu contributo para a materialização desta dissertação que hoje se tornou livro à disposição de todos.

À editora Metrics, na pessoa de Fábio César Junges, por ter aceite publicar este livro.

Vai o meu obrigado aos estudantes da Universidade Sagrada Família da Maxixe, hoje Universidade Save - extensão Maxixe, lugar onde pude aprender e partilhar meus conhecimentos, como tentativa de descobrir a minha própria existência na qualidade de ser humano.

Aos jovens do Centro Juvenil da Maxixe, que os chamo de filhos, vão os meus sentimentos de gratidão pela presença e amizade.



SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
INTRODUÇÃO	19

Capítulo 1

KARL JASPERS, GABRIEL MARCEL E O EXISTENCIALISMO	23
1.1 Vida, obras, pensamento e influências de Karl Jaspers.....	23
1.2 Vida, obras e influências de Gabriel Marcel	30
1.3 O existencialismo	34
1.3.1 Existência como movimento numa caracterização histórica	35
1.3.2 Concepção da existência segundo Karl Jaspers e Gabriel Marcel.....	41

Capítulo 2

O SER NA EXISTÊNCIA E SUA FORMAÇÃO	45
2.1 A verdade como caminho para a existência	45
2.2.1 Ser com os outros numa realidade abrangente	47
2.2.2 Ser e a transcendência.....	52
2.3 Autorreflexão e introspeção em Jaspers e Marcel	54
2.4 A valorização da experiência como método segundo Jaspers	55

Capítulo 3

FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA E SUA ANÁLISE	59
3.1 Contextualização	59

3.2 Situações-limite da filosofia de existência.....	65
3.3 Fracasso e existência na transcendência.....	69
3.4 Lugar da existência na transcendência.....	70
3.5 Situação do ser no mundo e na existência segundo Jaspers...	72
3.6 O ser e ter segundo Marcel.....	74
3.7 Porquê a existência humana está para além da história.....	76

Capítulo 4

ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE KARL JASPERS E GABRIEL MARCEL.....	81
4.1 Convergências entre Jaspers e Marcel.....	81
4.2 Divergências entre Jaspers e Marcel	82
4.3 Relação da existência entre Karl Jaspers e Gabriel Marcel com a do homem actual	83
4.4 Méritos e deméritos do pensamento de Karl Jaspers e Gabriel Marcel.....	84
CONCLUSÃO	87
BIBLIOGRAFIA.....	91
SOBRE O AUTOR.....	95



PREFÁCIO

O autor, parafraseando Karl Jaspers: “revela-nos que o homem só toma consciência de si próprio nas situações -limite, e encontra-se a si mesmo com os outros, porque é livre quando os outros o são”.
(Ananias N. CHIVAVEL)

Depois de ter concluído este pequeno livro sobre o vasto tema da Existência e a História humanas que com a sua bravura, o autor, procurou trazer ao leitor, balizas extremamente importantes para entender os autores em estudo, comecei a interrogar-me com Karl Löwith, terá o leitor (eu) entendido quanto à possibilidade, ou melhor, à impossibilidade, de impor à história uma ordem racional ou de realçar a obra de Deus. É clarividência que o registo parcial da nossa experiência humana é muito profundo e, ao mesmo tempo, demasiado superficial para poder enaltecer a situação-limite-grandeza da alma humana que pode dar sentido.

A história como parâmetro objetivo, perde seu alcance, na medida em que, quem a conta carrega consigo, para usar a expressão de Hans Georg Gadamer, “pré-juízos”. Estes últimos, como diz Lúcio Packter, “são verdades que a gente carrega e que vão prestar contas com as nossas vivências” (KARL, L., 1991:17). Nesta ótica, a consciência histórica, queríamos dizer, começa do sujeito que conta a história, não obstante ter objetivo e o pensamento de outras realidades e de outros homens diferentes da nossa época e de nós mesmos. Aí que encontramos várias versões de história sobre o homem, épocas e factos, que é possível através de um salto imaginário da dimensão crista (Kierkegaard), como noutra vertente a partir do paganismo clássico (Nietzsche).

“No entanto, o elemento predominante, a partir do qual poderia surgir mesmo uma interpretação da história, é a experiência básica do mal e do sofrimento, e da procura da felicidade por parte do homem. A interpretação da história é, em última análise, uma

tentativa de compreender o sentido da história enquanto sentido do sofrimento por ação histórica” (LUCIO, P., 1997:9).

O sentido cristão, vai tentar descrever e colher os desdobramentos da angústia, sofrimento humano, através da proposta de um paradoxo, a Cruz, sinal de uma profundidade difícil de se explicar, contrapondo-se ao poder conquistador do mundo. Eu sinto que, é aqui, onde posso tentar angustiar-me com o angustiante, o autor CHIVAVEL neste caso, enquanto ele busca entender como dar sentido à Existência do ser humano, interrogando-se sobre se a história, seria capaz de satisfazer os anseios e buscas humanas da sua própria autenticidade e realização. Sim que o homem, precisa de fazer uma espécie de auto-desdobramento para buscar em si as tessituras da sua existência (existencialismo) e do seu ser (essencialistas), para puder fazer o caminho de “autotranscendimento” através da narrativa da sua historicidade ao outro, aí que encontramos na história contada, o outro. A história encontra seu sentido recorrendo à filosofia da relação, como na intersubjetividade (Gabriel Marcel), na alteridade de Levinas, Buber, Mounier, Dussel e outros. Na filosofia africana, para citar alguns autores, podemos encontrar, John Mbiti e o “I am, beacouse we are”; como a “intersubjetivação” de José Castisno; Filomeno Lopes propondo uma filosofia periférica (de êxodo em busca do outro no seu contexto) e outros. Mas será que basta isso? CHIVAVEL, põe a discutir dois autores: Karl Jaspers e Gabriel Marcel. E diz que: “Nasce tendo em consideração às situações em que o próprio homem mergulha na busca da compreensão de si mesmo; coerência da vida e do que se está vivendo, que encaminha o homem para um despertar da consciência, como descoberta da sua existência que está para lá, do que pensa”.

Este livro que agora se publica e que resulta de um trabalho de dissertação intitulada “Existência Humana Além da História. Duas constatações; Karl Jaspers e Gabriel Marcel” no Curso de Mestrado em Filosofia, reúne um conjunto de reflexões que nascem da necessidade, sentida pelo autor de olhar a realidade social e da

existência humana, de uma forma que fosse, simultaneamente, ampla, reflexiva e crítica em relação a questão da historicidade e o além da história. Navegando e fazendo dialogar dois autores como Jaspers e Marcel.

É notável que a questão da crise que o ser humano passa no seu cotidiano, angustiando-se em busca da resposta às três perguntas existenciais: *quem sou? de onde venho? e para onde vou?* tem suas variáveis e é reflexo dos conturbados momentos que vivemos na sociedade como um todo e em modo especial na sociedade da economia e de conhecimento altamente tecnológico em que os padrões de escolha devem ser fundados em valores “líquidos” – recordando Bauman- como flexibilidade, eficácia, eficiência, concorrência, agressividade e mais. Aqui está o cerne do existencialismo e hoje do existencialista Ananias. Será que devemos dobrar e dar-nos de vencida perante aos acontecimentos e eventos existenciais da história? Ou seja, que sentido dar a nossa existência na história.

Esta mesma crise tem três componentes: “axio-existencial”, “intersubjetividade”, “Transcendência”, como o autor pretende mostrar, (acrescentei *axio* na expressão, existencial, para sublinhar que a nossa existência quando se torna labirinto de definição e realização da ética “bondade” e da estética “beleza” no seu cotidiano), faz com que o homem, desde tempos antigos e sobretudo, os filósofos da história como Voltaire, Hegel, Marx, Vico e outros. busquem o sentido da história. Mas, como sabemos, não há história sem existência, o autor, diz que precisamos de ir mais além da história. E só o *dasein*, para usar a expressão de Martin Heidegger, é que pode “dar um salto” projetando-se e refletindo sobre o nosso *modus vivendi* e *com-prendere* hermenêuticamente a realidade do homem, mas isso não basta, porque o homem existe para a Transcendência. Esse compreende que as “situações-limite” da existência, como diz K. Jaspers, lhe impele a buscar o sentido da sua existência mais além da “história humana” e Gabriel Marcel, indica que a existência, é uma peregrinação constante e ela é possível através da intersubjetividade.

Acho que, este texto altamente filosófico, ético e educativo, pode contribuir para o leitor acadêmico e qualquer que se interessa de encontrar algumas respostas da sua existência, nesta perspectiva. Aí a nossa recomendação à leitura atenta e peregrinante versus em si e para si, para o outro e para o Transcendente. Porque Ananias, conseguiu responder às suas perguntas, embora, pela complexidade da estrutura humana, não cabalmente. Preocupado pelas condições de existência do ser humano real na sociedade em que indivíduos devem ser analisados de acordo com o contexto de suas condições e situações individuais e sociais sem circunstanciar-se só a estas, indo para além, para buscar a razão da sua peregrinação.

Isabel Vilanculo, Ph.D.



INTRODUÇÃO

Este livro, é a porta de muitos outros por ser primeiro da minha autoria, fruto da publicação de dissertação do mestrado em educação/ ensino de filosofia, que as provas públicas tiveram lugar em Fevereiro de 2020, na Universidade Save- extensão Maxixe. É um estudo em torno da existência humana numa perspectiva de Karl Jaspers e Gabriel Marcel. A existência tem vindo a ser um dos aspectos que preocupa o ser humano, tende sempre a melhorias por se tratar de um ser dotado de inteligência. Não há dúvidas de que, desde a criação do ser humano, este aspecto tem vindo a ocupar um lugar fulcral, eis o porquê de fabricar armas nucleares, bombas atómicas, criar meios para sobrevoar o espaço com intuito de melhor conhecer e procurar outros lugares onde seja possível habitar, e entre outras invenções da sua autoria. Assim, falar da existência é trazer um problema reservado ao próprio homem, sua natureza como um problema a ser discutido. Um problema que pode revelar o não conhecimento ou uma ignorância que não venha a afetar a vida do ser humano. Este pode considerar-se um problema impróprio cuja solução não afeta ou modifica a vida do objeto em estudo.

Karl Jaspers, assim como Gabriel Marcel, no seu pensamento filosófico, poem em destaque à sua reflexão em volta do ser, distinguindo-o pela sua situação, assim como em existência e situação. É com este modo de pensar que fazem parte de filósofos existencialistas. Mais ainda, há um interesse comum entre os dois que é a vida humana, partindo das chamadas situações- limite como a morte, o sofrimento, a comunicação e a liberdade. Ademais, na filosofia destes dois autores, descobrimos que para eles uma reflexão filosófica não se trata somente de uma teoria, mas sim prática com um cunho único que é existência; não fundamentável, partindo de alguma realidade que lhes possa legitimar, mas sim das próprias forças do ser humano chamado a equipar- se filosoficamente. É um processo que versa sobre a busca de possibilidades do ser como um

elemento existente, caminhando para um futuro pensado. Trata-se de um esforço com a finalidade de esclarecer e orientar-se sobre uma nova forma de pensar a própria existência que supera o que o ser é. Assim sendo, a nossa tarefa consiste em fazer tal esforço na tentativa de encontrar argumentos factíveis que possam justificar a existência humana que está para além da história na visão de Karl Jaspers e Gabriel Marcel.

Como falar da existência humana para além da história ou para lá da história, tendo em conta este ser complexo mas, chamado a responder em várias situações da própria vida? É o problema chave a ser respondido em vários parágrafos deste livro, tomando como referência os escritos dos dois autores já citados. Será uma compreensão analítica visando avaliar o exercício feito pelo homem como resposta à sua existência e transcendência. Nos propusemos a fazer este percurso devido as situações em que o próprio homem mergulha na busca de compreensão de si mesmo. Além disto, a coerência da vida e do que se está vivendo, que encaminha o homem a um despertar da consciência como forma de descobrir que sua existência vai além ou transcende o que ele mesmo pensa.

A motivação para esta abordagem é fruto do que vemos quotidianamente, tendo em conta que a filosofia funciona como espelho e, ao mesmo tempo, fonte para observar a realidade das coisas, por via de análise com a finalidade de lhe dar um novo sentido. Portanto, ainda que a filosofia não tenha fins comuns e empiricamente utilitários, a aproximação ao pensamento Jasperiano e Marceliano ajudar-nos-á a despertar em relação aos procedimentos sobre a existência que está para além da história, ou para lá da história.

Assim sendo, nosso objetivo geral consiste em refletir sobre a existência humana que está para além da história. Os objetivos específicos centrar-se-ão na identificação das quimeras que advêm ao homem aquando da sua existência como caminho para dar sentido à existência que está além da história. Analisar a existência que está além da história, e finalmente dar um novo sentido à existência que transcende a história do homem na perspectiva do homem atual. Já

que o ser humano é chamado a viver segundo uma dinâmica que o leva a uma lógica de vida como um processo de autoconhecimento da sua essência vivida transcendentalmente e não só, sua vida deve ser olhada no contexto do mundo físico, assim como espiritual, procuraremos debruçar-nos para esclarecer este realizar-se do que ainda não realizou, como hipótese por alcançar. A concretização do estudo baseia-se no método histórico, isto é, estudo e compreensão do problema definido, suas hipóteses e avaliação do mesmo, por meio de leitura, análise e interpretação de vários textos que falam da existência humana. O trabalho é dividido em quatro capítulos onde: o primeiro é sobre Karl Jaspers, Gabriel Marcel e o Existencialismo; o segundo é sobre o ser na existência e sua formação; o terceiro é sobre a Filosofia da existência; o quarto e último é da análise crítica do pensamento de Karl Jaspers e Gabriel Marcel.



Capítulo 1

KARL JASPERS, GABRIEL MARCEL E O EXISTENCIALISMO

Neste primeiro capítulo daremos a conhecer de forma sucinta quem são os autores dos quais iremos tratar, seu desempenho intelectual, influências mais estimulantes nas suas pesquisas acadêmicas; existencialismo e existência como movimento numa caracterização histórica; concepção da existência segundo Jaspers e Marcel.

1.1 Vida, obras, pensamento e influências de Karl Jaspers

Médico psiquiatra e filósofo existencialista Karl Theodor Jaspers nasceu em Oldenburg norte de Alemanha aos 23 de Fevereiro de 1883. De família abastada, o seu pai Carl Wilhelm Jaspers era banqueiro e representante do parlamento; a sua mãe, Henriette Tantzen, vinha de uma família envolvida no parlamento. Forma-se em medicina e leitor de Espinosa e Husserl. No ano de 1909 conheceu Max Weber, que considerou seu mestre e a quem dedica um livro. Inicia a sua atividade científica no campo da psicologia e depois publica a obra *Psicopatologia geral* em 1913 e a *Psicologia das intuições do mundo* em 1919, obra de transição da medicina para a filosofia¹. Esta última considera-se a sua primeira obra de filosofia de existência, uma vez que contém todos os temas principais desenvolvidos nas obras posteriores (ABBAGNANO, 1978:224).

O desejo de abraçar a psicologia vinha do seu próprio

1 É a obra conhecida como primeiro testemunho jasperiano na carreira filosófica moderna, uma vez que nela são propostos elementos fundamentais para a filosofia de existência (mundo, amor, liberdade, etc.) e as chamadas situações-limite. Também aborda elementos concernentes à metafísica.

estado de saúde uma vez que, desde da tenra idade padecia de bronquite crónica e, muito influenciava suas capacidades mentais e físicas. Pensou primeiro em ser jurista, que era a carreira do pai pelo que, depois dos estudos secundários se inscreveu na faculdade de Direito, mas no ano de 1902 mudou para o curso de medicina, no qual se veio a graduar em 1909. Começou logo a trabalhar numa unidade de psiquiatria na cidade de Heidelberg. Em 1910 casou com Gertrud Mayer. Não se conformando com a forma como tratavam os doentes mentais, empenhou-se na pesquisa de modo a descobrir novas formas de tratamento (GIORDANI, 1976:598).

Aqui via-se a notável capacidade de leitura e de interpretação de grandes factos, particularmente o pensamento crítico e observações abstratas, para com situações ligadas aos seres humanos. Assim sendo, Jaspers procura ler filosofia de forma sistemática, o que culminou com a publicação da sua primeira obra, contendo uma visão metodológica acerca da humanidade e sociedade que é a *Psicopatologia Geral* (GILES, 1975:149).

A citação ilustra a leitura e contactos que Karl Jaspers teve com grandes figuras alemãs, o que lhe permitiu uma visão sistemática de pensamento abstrato acerca de vários fatores sociais e humanísticos. É daqui que começa o interesse pela filosofia, mesmo sendo formado na área de medicina.

Em 1913 é convidado para lecionar Psicologia na Universidade de Heidelberg. Em 1922, assume a docência de Filosofia na mesma universidade. Viria a ser demitido em 1937, por razões políticas, e recolocado após o fim do nazismo, em 1945. Durante o período da docência não escreveu nenhuma obra além de pequenos opúsculos acerca da universidade onde lecionava (GIORDANI, 1976:599).

Continua no ensino até a sua aposentadoria; em 1961 ocupou a cátedra de Filosofia em Basileia na Suíça. Ficou conhecido como fundador do movimento existencialista juntamente com Heidegger, homens com uma inteligência lúcida e flexível ao serviço de um apaixonado e genuíno interesse pela vida humana.

Um dos grandes pensadores do nosso tempo Jaspers morre na Suíça em 1969 (GIORDANI, 1976:51).

Os seus vários livros foram traduzidos em todas as línguas ocidentais. Das obras publicadas, a mais importante é a chamada *Filosofia* publicada em três volumes: *Orientação filosófica no mundo*, *Definição da existência e Metafísica*, escritas em 1932. Estas três obras num único volume, descrevem o modo do ser, orientação, existência e transcendência metafísica. Jaspers partilha com a fenomenologia o conceito da intencionalidade da consciência e o da revelação da razão, na qual o conceito da razão consiste em esclarecer a própria existência ou então trazer à consciência e à comunicação com as outras existências (ABBAGNANO, 1978:224-225). Desta obra importante de Jaspers, transparecem as ideias da corrente hegeliana que tratam sobre o conhecimento como fruto da experiência que o homem é chamado a fazer, e que é de suma importância na medida em que procura valorizar o que se deseja fazer.

A filosofia deve garantir uma discussão em torno do homem na sua dimensão histórico social, sem, no entanto, reduzir a sua dimensão numa única possibilidade, mas sim que as situações da história presente possam iluminar um caminho para o futuro (JASPERS, 1973:7). Aqui estamos perante uma situação elucidativa em que Jaspers nos oferece uma perspectiva acerca daquilo que deveria ser a filosofia como uma ciência em vista ao ser humano, porque o olha numa dimensão problemática, mas sempre em busca de solução de forma autónoma, sem que haja separação em relação a outras ciências. Tratando-se de uma ciência, deve garantir bons e altos valores sem descurar a crítica.

As outras obras são: *A situação espiritual do nosso tempo* (1931), *Max Weber* (1932), *Razão e existência* (1935), *Nietzsche* (1936), *Descartes e a filosofia* (1937), *Filosofia da existência* (1938), *O vivo da universidade* (1946), *Sobre a verdade* (1947), *A fé filosófica* (1948), *A origem e o fim da história*, *Guia de filosofia e Razão e Contra razão no nosso tempo* (1950), *Discursos e ensaios* (1951), *O problema da desmistificação* (1954), *Schelling* (1955), *Os grandes filósofos* (1957), *A bomba atômica e o futuro dos homens*, *Filosofia e mundo*

(1958), *Razão e liberdade* (1959), *A ideia da universidade* (1961) e *Os vários aspetos da fé filosófica na revelação* (1962) (ABBAGNANO, 1978:225). Destas, merecem destaque: *Filosofia da existência, Introdução ao pensamento filosófico, Situação espiritual do nosso tempo e a Fé filosófica*². A *Filosofia da existência* trata do discurso sobre a história da filosofia enquanto exposição do próprio sistema filosófico de Jaspers visto como existencialismo. Nela também são notáveis os conceitos de *Dasein* e *Existenz*, estado de verdadeiro ser autêntico e sua relação com o abrangente, ser, verdade e realidade. A *Introdução ao pensamento filosófico* descreve acontecimentos desde a primeira guerra mundial, suas consequências sociais, psicológicas e religiosas, fazendo roteiro das situações quotidianas e a sua implicação positiva ou negativa. Refere ainda que é necessário fazer filosofia baseando-se nos acontecimentos diários e em tudo que nos rodeia. A *Situação espiritual do nosso tempo* descreve o problema do conceito de situação no nosso tempo como algo impreciso, onde apenas o indivíduo é que pode encontrar-se em situação. A obra *Fé filosófica* fala da verdadeira filosofia que deve ser guiada pela fé na transcendência originária da existência humana.

Como dissemos anteriormente, o homem está no centro da sua filosofia uma vez que, perante várias ameaças vividas no período nazista, o levaram a ganhar coragem nos seus escritos como forma de trazer a verdade aos políticos. Por isso escreveu a obra *Bomba atômica*, descrevendo a culpa carregada por Alemanha. Esta obra elucida a autenticidade perante situações difíceis.

Ademais, a filosofia Jasperiana, contendo uma crítica ao racionalismo humano, sugere as formas pelas quais serviriam de instrumentos ideológicos para uma função objetiva e subjetiva no impedimento de um autêntico conhecimento. Assevera na existência de uma capacidade de integridade na comunicação e autossuperação fenomenológica que, quando bem aplicada, vai além da sua funcionalidade com finalidade de dar novos conceitos cognitivos e

2 Estas obras foram postas em destaque devido o maior contributo que tem para com o tema da existência assim como da história do próprio ser chamado a existir numa determinada história.

unificados. Daqui sai o conceito da intencionalidade da consciência, uma vez que a existência é o ponto de partida e, simultaneamente, o limite da compreensão racional (ABBAGNANO, 1978:225).

Para Jaspers, há que olhar o objeto pelo qual se deseja alcançar e usar instrumentos capazes do alcance, mas tendo em conta que, bem aplicado, pode obter-se resultados além do que se espera, partindo dos conceitos a serem obtidos. Mas é fundamental que sejam conhecidos os conceitos, particularmente os chamados epistemológicos ou aqueles que se revestem de um cunho filosófico para tratar problemas do mesmo campo. Só assim se terá um resultado capaz de surpreender a própria razão histórica.

O teor metodológico de Jaspers leva consigo alguns traços de Weber e de Hegel no que tange à psicologia sistemática. Foi um momento em que a sua filosofia tinha como base o pensamento hegeliano e kierkegaardiano, onde veio a transpor a dialética em superação de antinomias³ cognitivas para uma análise de formação cognitiva através de experiências e confrontos em ações.

Jaspers, citado por Abbagnano (1993:179-180), diz: “há que fazer uma análise da existência não somente um esclarecimento ou interpretação dos modos como o homem se tem dado com o mundo segundo suas possibilidades cognitivas, emotivas e práticas, mas simultaneamente, esclarecer a interpretação dos modos como o mundo se manifesta ao homem e determina as suas possibilidades”.

Nesta citação, Jaspers quer despertar a atenção no estudo sobre o existencialismo a não se fixar simplesmente naquilo que podemos chamar de pressupostos emotivos do homem, mas sim que se tenha a relação do sujeito pensante, que é o próprio homem, e a esfera em que se encontra perante todas as possibilidades que o ser pensante vive como relação.

Do existencialismo de Heidegger, onde tentava lançar-se à natureza do homem, pela qual iria deduzir todas as coisas, uma vez

3 Segundo J. Reynard “a antinomia” subsiste no dualismo. É um problema que é colocado ou oferecido à inteligência, na oposição relativa de possíveis soluções sob a forma da contradição.

este ser o único ser capaz de se auto revelar, Karl Jaspers assumiu também a mesma noção existencialista, pondo em destaque a metafísica do ser⁴. De Heidegger vem a sensibilidade de Jaspers para o concreto e a individualidade do homem (STEGMULLER, 2012:153).

Jaspers, com a sua filosofia, procura esclarecer a possibilidade de uma existência capaz de dar liberdade ao homem, procurando limitar a descrição de uma existência concreta, diferentemente daquela de Heidegger que visava responder a pergunta sobre o ser na sua totalidade. Por isso que insiste dizendo: é tarefa da filosofia não se ater em responder o que é o ser, mas sim na situação em que se desdobra.

Para Jaspers, a reflexão filosófica não deve ser vista como uma teoria, mas sim prática, com um género absolutamente único. Uma verdadeira filosofia compreendida como tradição de múltiplas pretensões, porque exprime-se numa obra que testemunha a assimilação da tradição, todavia, o que lhe dá a própria atmosfera, inspira, faz-se sentir por meio daquilo que cada um apresenta. É uma filosofia aberta à transcendência que é existência possível (MARCEL, 1970:7-9).

Foi influenciado pelo pensamento de Kant em diversas questões, tais como: o que é a ciência; a verdade; o homem como questões magnas para um pensamento filosófico. Kierkegaard e Heidegger foram os pensadores que despertaram a sua forma de pensamento a fim de trazer ideias sobre o mundo, e o esclarecimento da existência e a metafísica. Além destes, encontrou impulso para o pensamento filosófico existencial na obra tardia de Schelling.

Além das diversas questões colocadas acima, que influenciaram Jaspers da parte de Kant, também se subscreve com o

4 Longe de se assentar numa existência separada da alma e do corpo, Karl Jaspers recorreu à psicopatologia onde enuncia que o corpo e a alma, formam uma unanimidade indissolúvel, que se impõe à psicopatologia. Iguala-se à Bergson, na chamada metafísica positiva que toma o seu ponto de apoio nas ciências humanas mais próximas do indivíduo concreto (JASPERS, 1970:54).

seu pensamento acerca do fenómeno e núneno. Foi daqui que Jaspers acabou afirmando que o conhecimento científico ou filosófico não revela a coisa em si, mas aquilo que são as manifestações da coisa de que se está falando, isto é, o *fainomenum*, de igual modo fê-lo Kant. Jaspers vai mais além com o seu pensamento, dizendo que a realização do conhecimento e a sua finalidade é tão diferente ou é mais do que Kant pensava, porque ele se baseava nos argumentos racionais e Jaspers ia além do racional, o que implica uma lógica do pensamento na busca do real (STEGMULLER, 2012:154-155).

Percebe-se que é imprescindível a existência de um consenso em filosofia ao que tem a ver com os conhecimentos; validade das coisas mas que não se perca o senso do percurso a ser feito que é o sustentamento da filosofia. Daqui clama-se por uma formação itinerário próprio para o alcance da verdade assim como do conhecimento das coisas.

Kant, na sua obra *Crítica da Razão Pura*, oferece-nos soluções fundamentais do conhecimento, ao passo que Jaspers uma desarmonia que obscurece o mundo. Para Kant ver alguma coisa significa o que se pode apalpar, tocar, mas para Jaspers é mais que isso. Kant tem como objetivo do seu conhecimento encontrar o objeto do fenómeno, mas Jaspers prova-nos que o sujeito cognoscente em nenhum momento está em altura de conhecer objetivamente a realidade porque todas as tentativas são limitadas. Não é possível conhecer ou saber o sentido da incognoscibilidade⁵ do mundo real, mesmo com um conhecimento que supera a razão incognoscível do ser em si (STEGMULLER, 2012:158).

Na visão jasperiana o conhecimento é sempre renovado, na medida em que o sujeito cognoscente por muitas vezes procura apreender um certo objeto e este, por sua vez, oferece-lhe várias hipóteses. Por isso que nunca chegará a conhecer o objeto na sua totalidade, devido ao ambiente histórico em que o mesmo se encontra, o qual muda a cada segundo o decorrer do tempo e do

5 Incognoscibilidade é o verdadeiro ou falso em ato que não se pode conhecer devido à sua imensidão.

espaço. Ademais, o seu pensamento funda-se em ideias não somente teóricas, mas também como uma dimensão prática e totalmente unívocas. A dimensão prática a que nos referimos tem a ver com a própria existência do homem, que não é justificável partindo de uma outra realidade além do ser humano que é responsável pela própria história.

1.2 Vida, obras e influências de Gabriel Marcel

Nasceu aos 7 de Dezembro de 1889, na cidade de Paris, filho de um conselheiro de Estado. A sua mãe faleceu quando Gabriel estava com a idade de quatro anos. Este acontecimento foi uma vivência marcante e mais tarde lembrado, dizendo que, embora guardasse poucas imagens precisas da sua mãe, permanecia-lhe presente de maneira misteriosa. A sua educação ficou a cargo de uma tia materna, com a qual o seu pai mais tarde se casou. Originariamente, a mãe era judia, depois passou ao protestantismo. O seu pai fora educado na religião católica, abandonando-a bem cedo. Assim, Marcel, mais tarde, reconhece que a ambos era comum certo agnosticismo religioso (ZILLES, 1988:29).

A morte prematura da mãe determinou o seu futuro e a sua filosofia. Esta morte e o ulterior encontro com a morte multiforme, na primeira guerra mundial, levaram-no à experiência do transcendente. O dualismo entre a sua mãe falecida e a educadora madrastra influenciou o seu pensamento, sobretudo a polaridade entre o visível e o invisível. A partir dessa experiência, podem ser entendidas as suas reflexões sobre a morte de um ente querido. O desejo de um parceiro, uma vez que era filho único, expressou-o cedo nos diálogos criados e foi daqui que brotou o segundo tema: a intersubjetividade na relação “eu e tu” (Idem, p.30).

O desejo pela filosofia surge como uma maneira de luta contra a insularização⁶ do homem atual como caminho para

6 Uso do homem como um meio para o alcance de um certo projeto científico criado pelo mesmo homem. Gabriel Marcel (todas as traduções de Francês para português

restaurar a unidade de visão poética e criação filosófica começada pelos pré socráticos e também para construir uma filosofia que está além da abstração. Isto permitiria um avanço em seu modo de filosofar em relação aos filósofos idealistas, que tinham como objetivo criar um sistema de saber (MARCEL, 1935b:34).

Marcel, dramaturgo e filósofo, justifica este modo de ser em várias das suas obras. Não está preocupado em constituir sistemas para uma verdade como tem sido a identidade de vários filósofos, mas sim uma filosofia que vai além do sujeito pensante e que encara o objeto não como um elemento estranho a ser estudado. A verdadeira filosofia deve subsistir nos eventos presentes e na sua história sem deixar de lado a parte transcendental.

Marcel é um dos pensadores que baseia a sua reflexão na busca do ser e o mistério ontológico. Diz que é na busca do ser em que se desenvolvem as experiências antropológicas da esperança, fidelidade, amor, encarnação, etc.. Apesar de entender que o trabalho do filósofo é direcionar o olhar penetrante sobre a sociedade, percebe que tal reflexão é em volta do homem na sua singularidade, sobre as pessoas que habitam na sociedade (O'CALLAGHAN, 2009:1)⁷.

Na sua obra *L'homme problématique*, apresenta uma intuição de perscrutar no âmago de si mesmo, no seu interior, porque assim se pode apreender um dado objeto em várias direções e mediações, mas que a mediação não deve transcender a experiência imediata. É um pensamento filosófico típico que visa reformar as categorias que se harmonizam mais diretamente com a ontologia do próprio ser, como requisito fundamental (MARCEL, 1935a:69-71).

Para ele, a diversidade de planos no processo de conhecimento é fundamental para cada sujeito pensante, chamado a conhecer com um certo cuidado de modo a não perder a originalidade do objeto em apreensão, e a ter que percorrer um caminho sem deixar

destas duas obras de 1935, são da minha responsabilidade).

7 O'callaghan (todas as traduções de Inglês para Português são da minha responsabilidade).

de fora o essencial. Há duas coisas que Marcel conjuga isto é, o ser em si e o ser para si.

Gabriel Marcel estudou filosofia na Universidade da Sorbonne, em Paris, onde com 18 anos de idade, concluiu o curso superior, com a monografia sobre *As Ideias Metafísicas de Coleridge I em suas relações com a filosofia de Schelling* II; com vinte anos foi aprovado num concurso do estado, que lhe deu o acesso ao magistério, exercia em diversos colégios em tempos descontínuos. Sofreu influência de Edmund Husserl no que tem a ver com a relação entre o “eu” e “tu”; de Kierkegaard sobre as ideias de que, o homem não é um ser abstrato, mas existência como devir em circunstâncias que se encontra (ZILLES, 1988:30).

Teve influência de Jean Paul Sartre de modo particular ao que tem a ver com o teatro. Também sofreu influência de Edmund Husserl no que tem a ver com o método, isto é, partir de situações concretas de modo a relacionar o “eu e tu” e, de Bergson ao usar a psicologia como fundamento da sua filosofia. Desde a infância tinha o teatro como modo predileto para se comunicar e dedicando muito trabalho em certas críticas literárias e em algumas pesquisas filosóficas. Mas é de salientar que, a sua obra dramática se liga à filosofia (ZILLES, 1988:31).

Para Marcel, a reflexão filosófica e o drama ganham maior extensão no seu trabalho. É por meio desta que percorreu todos os continentes fazendo palestras; de tantas palestras feitas ressalta-se a da Escócia, intitulada *O Mistério do Ser*. A paixão pela filosofia fê-lo descobrir que faltavam esquemas racionais a serem levados a cabo para compreender o homem e suas ações num teor profundo.

Marcel dá a entender o papel e o sentido da filosofia que consiste em questões do já ou do agora: eis o porquê de o existir e a filosofia devem estar ligados ao ser existente. Para que se compreenda o corpo, que se tenha em conta o infinito como uma ciência bem elaborada, sem tratar o ser em oposição ao seu exterior (ZILLES, 1988:33).

Elabora uma filosofia a caminho, isto é, onde o ser

transcendental é presente e faz parte da história do ser humano ocupando um lugar preponderante. É o mesmo ser onde nos devemos aconchegar com o uso do raciocínio e de experiências totalizantes marcadas pelas virtudes que o homem é chamado a cultivar, isto é, a fidelidade, o amor e a esperança. Esta experiência do transcendente não surge ao acaso, mas sim como uma procura originária do ser humano.

Diferentemente dos outros filósofos, expôs o seu pensamento em forma de conversa ou diálogo. Assim sendo, suas obras são: *Diário Metafísico*, publicado entre 1914-1923; *Diário Filosófico* de 1935; *O Mistério do Ser*; *Os Homens Contra o Homem*; *O Homem Problemático*; *A Dignidade Humana* e entre outras conferências publicadas na Alemanha. Destas, a obra fundamental é *Journal Métaphysique* ou *Diário metafísico*,⁸ seguida do *Être et Avoir* ou *Ser e Ter*⁹ porque as duas se complementam em vários aspetos (ZILLES, 1988:34).

Karl Jaspers, no campo filosófico, não elaborou nenhuma obra além das várias anotações em forma de diário, ensaios e textos de conferências. Por isso, a sistematização do seu pensamento é tão difícil, além de se fazer um simples comentário do que elaborou.

A sua metodologia filosófica era única mas, com algumas semelhanças em relação ao existencialismo e a fenomenologia interpretativa. A filosofia deveria começar com uma experiência concreta e não por via de abstrações. Por isso usa sempre exemplos para fundamentar suas ideias filosóficas em investigação (MARCEL, 1951:40-41)¹⁰.

Se queremos fazer filosofia na linha marceliana, deveremos trabalhar olhando o objeto na sua ação dia pós dia até chegar a ter mais ideias. Esta é uma metodologia única que começa de uma experiência real e não por via de conceptualizações. Assim sendo,

8 Fala do método para compreender a existência como situação fundamental do homem em Gabriel Marcel.

9 É a que nos apresenta a diferença entre pesquisa científica e pesquisa filosófica.

10 Gabriel Marcel (todas as traduções portuguesas desta obra de 1951, em Francês são da minha responsabilidade).

vai tornar-se uma filosofia baseada em estruturas descritivas para esclarecer o que se observou na experiência usando uma linguagem abrangente. Morre no dia 8 de Outubro de 1973.

1.3 O existencialismo

Estamos diante de uma filosofia que tem como missão a análise da existência ou do modo de estar do homem no mundo. É uma das filosofias que põem em destaque o modo de ser do homem, segundo o lugar da pertença, sem no entanto dar-se por já constituído. A relação do homem-mundo constitui o tema único de toda a filosofia existencialista (ABBAGNANO, 1978a:180).

Esta corrente está ao serviço da formação do ser humano numa dimensão cultural, uma vez que o homem é um ser finito e com uma série de limitações no seu modo de ser e agir. Trata-se de um otimismo que se apresenta como a única corrente que na sociedade contribuiu para a formação do ser humano, porque assume como base o reconhecimento de um princípio infinito capaz de influenciar ao mesmo ser e, garantir os chamados valores fundamentais.

Como afirma Cabral de Moncada: “não se trata de uma filosofia clássica ou filosofia de conteúdos, sistema de ideias mas sim uma arte de filosofar partindo de uma experiência de vida, pessoal e sobretudo de um caminho para se libertar do simples pensamento abstrato” (MARTINS *apud* Moncada, 1955:43).

Falar do existencialismo é trazer conteúdos capazes de serem expressos e não apenas simples conceitos incapazes de preencher o que se pode pensar; é tratar da existência do ser humano no qual o sujeito pensante existe numa dimensão histórica, temporal e cultural, porque existir longe destas dimensões não seria existir; é vivenciar as ideias ou torná-las conscientes de uma forma particular como dimensão do ser humano.

É um otimismo baseado no reconhecimento de um princípio infinito que se considera substância capaz de reger e garantir uma

vida feita com valores fundamentais e que, oferecem ao homem um progresso. Soren Kierkegaard foi quem muito impulsionou todo o movimento existencialista ao insurgir-se contra o pensamento hegeliano que, na época, se considerava símbolo da racionalidade, mesmo não trazendo aspetos ligados à existência como fruto de decisão pessoal. Assim sendo, Kierkegaard dá novo sentido à filosofia, colocando o ser humano no seu contexto histórico e seus desafios no que tem a ver com a existência (ABBAGNANO, 1978a:181).

Percebe-se que a preocupação de Kierkegaard consiste em determinar uma existência própria do homem como fruto da sua reflexão, mas feita e vivida numa determinada cultura, e da sua história mas é necessário relacionar com o além porque, sem ele, o existente deixa de existir.

1.3.1 Existência como movimento numa caracterização histórica

A história da filosofia revela-nos que, nos primeiros momentos da filosofia grega, os pensadores pouco se interessaram com o conhecimento existencial e com a sua natureza além de saber quais eram as entidades existentes realmente, como forma de descobrir aquelas entidades que pareciam possuir uma existência real, tratando-se de uma manifestação (MOROR, 1982:1079).

Eis porque Aristóteles entendia a existência como uma substância, isto é, entidade primeira da qual se pode dizer algo e onde residem as propriedades. Se a mesma se unir à essência, teremos o ser. São debates que surgiram na Idade Média baseando-se em significados e mudanças em várias terminologias. Não somente a essência e existência mas também a substância. Todos os autores da época medieval são unânimes em afirmar que a essência é uma resposta à pergunta *quid sit res*¹¹, considerando que a existência é uma resposta à questão *an res sit*¹². No entanto, dizer o que a coisa

11 O que a coisa é.

12 Se a coisa é.

é, pode significar não ou apenas dizer dela algo e mais universal, sem no entanto dizer aquilo que a coisa é (Idem, p.1080).

Ricardo San Victor no tratado de *Trinitate*, afirma que a existência não se trata da posse do ser mas uma certa origem. E o que se pode entender do verbo composto “existir”, a preposição “ex” que se ajunta com efeito o que existe para não ser alguém, ter o ser substancial de alguém (Idem, p.1080).

Este questionamento nos remete a pensar na existência que não seja coisa para além da pessoa em si, capaz de determinar uma diferença do seu ser e, agir assim como fazendo uma comparação da coisa em si mesma.

São Tomás define a existência como a última atualidade da coisa, presença da coisa na ordem física; para ele é dizer a coisa na ordem física isto é, na ordem real. Existir é estar fora das causas ou “extra causas” enquanto estar fora do nada “exterior nenhum”, poder simples de estar (MOROR, 1982:1080). Toda a Idade Média, ao falar em existência e em existir olha a relação entre essência e existência numa primeira fase, na dimensão transcendental para depois respeitar à dimensão humana.

Autores da idade escolástica (Alexandre de Hales, Alberto Magno, São Tomás) mantiveram a distinção real entre essência e existência na ordem do criador. Para eles a essência não significa existência mas sim inteligibilidade (Idem, p.1080). Nesta mesma época, alguns se opuseram a tal ideia (Duns Escoto, Guilherme de Occam), alegando que a negação da distinção real não equivale ao “nominalismo”¹³ ou ao “terminalismo”¹⁴. Uma distinção real não pode ser admitida e aceite por uma mera distinção conceptual. Duns Escoto prefere uma distinção formal dada pela natureza da coisa.

13 Doutrina dos filósofos nominalistas constituintes da grande corrente da era escolástica, onde designavam que, além das substâncias singulares, só existem os nomes puros e, portanto, eliminam a realidade das coisas abstratas e universais (cf. ABBAGNANO, 2007: 715).

14 Doutrina defensora da tese nominalista na disputa sobre os universais, que eram ao mesmo tempo cultores da nova lógica considerada estudo das propriedades dos termos (Idem, p.956).

Nesta mesma época, alguns autores sustentam que a existência é um primeiro predicado de qualquer entidade existente, sendo os demais predicados secundários. Isto significa que a existência não existe para além de todas as entidades existentes. Aplica-se a prova ontológica para admitir tal existência e deve aceitar-se um conceito de existência diferente do que deve ser aceito.

Esta é uma das concepções que deixam muitas reticências porque, se assim for, o conceito dado por Santo Anselmo comparasse-se ao de Spinoza e Hegel, onde consideram que a concepção da existência segundo São Tomás é comparável ao de autores como Hume e Kant. Trata-se de uma matéria complexa. Temos que admitir, quer seja aos que aceitam a prova ontológica, como àqueles que a rejeitam poderiam de princípio distinguir entre uma noção de existência que se aplica unicamente em seres reais e, numa noção de existência aplicável a qualquer entidade que não seja ser (MOROR, 1982:1081).

A noção aplicável da existência, segundo a perspectiva do ser realíssimo, deve servir de padrão para a noção de existência em qualquer outra entidade. Esta visão é dada pela época escolástica. Já na idade moderna, procura-se dar a noção da existência em comparação com os problemas vividos, colocados pela aceitação ou rejeição da prova ontológica, e em parte relacionando com a questão de haver ou não a diferença entre conceber uma entidade e conceber uma existência de tal entidade.

O problema da existência era tanto metafísico quanto lógico. David Hume não encontra nenhuma diferença entre conceber algo e conceber a sua existência. Para ele basta que se diga que algo existe, não se trata de duas ideias levantadas. É um pensamento que se liga ao de Kant na famosa opinião da crítica à prova ontológica. Hume fala da diferença entre conceber algo e crer na sua existência, e Kant da diferença entre conceber e colocar a sua existência. O ponto central do debate kantiano consistia na afirmação de que o ser pode ser entendido aqui como existente, mas não é um predicado real para o caminho como outros predicados o são (MOROR, 1982:1081).

Este pensamento realça a ideia de que não há forma alguma nos conceitos por meio da qual se pode determinar a existência de alguma coisa porque a determinação implica olhar as condições em que tal coisa existe. Assim sendo, Hume e Kant, rejeitando que a existência fosse um predicado, admitem que se possa dizer que é o ou não, naqueles casos em que tal predicado pode ser um sujeito capaz de dizer isto existe ou não existe.

Entre a tradição filosófica escolástica e a época da filosofia existencial verificam-se posições relativas à redutibilidade ou irreducibilidade mútua da existência e essência. Por isso, Gilson sustenta a irreducibilidade fundamentada na essência e na existência quando a existência é mencionada pelo conceito porque, para este caso, é possível apreender a essência da existência, mas não se trata de algo de existir mesmo como fruto acessível da experiência, juízo existencial como possibilidade representativa (MOROR, 1982:1082).

Martain, por sua vez, diz que o juízo se enfrenta com o ato de existir, com o qual o conceito da existência não pode ser uma vez separado do conceito da essência. Kierkegaard é quem abre as tendências existenciais que incluem o existencialismo e que foram ocupando um lugar central no campo da filosofia. Desperta a consciência de uma descontinuidade entre a noção de existência acima descrita porque, falando dela, Kierkegaard evoca o *Desain* que se traduz como “existência” e a existência na aceitação tradicional (Idem, p.1082).

Este termo existência, usado por vários autores existencialistas (clássicos, tradicionais e modernos), é compreendido numa dimensão filosófica tradicional da qual há contraposição entre existência e essência. Do que se compreende quanto à tradição escolástica ou moderna é que a existência não é necessária e pode considerar-se supérflua, segundo Sartre. Uma existência com tais características é indescritível, mas na tradição filosófica é compreensível apenas nas essências.

É isto que separa a filosofia existencial propriamente dita da

tradição filosófica porque, de um lado, usam os termos “existência” e “essência” dentro de um horizonte conceptual com muitos elementos em comum.

No século XIX, Kierkegaard designou existência por aquilo que é existente; o existente humano com um ser que goza de subjetividade quer dizer, na pura liberdade de eleição. Para este filósofo, só existe o ser que toma a decisão última com respeito à absoluta transcendência divina. Tal decisão determina o momento que não é mera fluência do tempo universal, nem participação qualquer em um mundo inteligível (MOROR, 1982:1083).

Kant também sustenta a existência de um primado da existência e, em termos tradicionais, um primado da existência sobre a essência. Por isso, os autores do século XX (Ortega, Sartre, Jaspers, Marcel, James, Dilthey, Bergson, etc.) procuram fazer uma ponte com a existência, mas não queremos afirmar que todos se inspiram neles porém, são iguais a eles, e distintos em orientações. De um modo geral, reconhecem e afirmam que a existência precede a essência.

Olhando a dimensão histórica após as duas guerras dos anos 1914-1918 e 1939-1945, em que a Europa viveu um clima de grande tragédia, abandono e misérias das trincheiras (na primeira fase da primeira guerra) causadas pelo bombardeamento e da vida dos deslocados, muitos olhavam o mundo como ser para o homem, e que tal elemento tivesse desaparecido no seu quotidiano como ser existente. As desgraças eram incontáveis e parecia que não havia compaixão da parte da natureza para com os seres nela vivente. Isto impulsionou o filósofo a tomar iniciativa naquilo que era da sua própria existência e, sem se dar conta de que para aplicar tal iniciativa, era apenas um estigma da existência particular (MARTINS, 1955:56).

Este pensamento levou o homem a tomar consciência de si mesmo e das perdas obtidas pelas lutas nefastas e titânicas que entrariam na história como ser em forma de lembrança e tinha um novo caminho a percorrer buscando libertar-se pela aceitação

de si mesmo e nas desgraças que ameaçavam a sua dignidade, rodeada por uma realidade sem valores além de si mesma chamado a reconhecer-se como existente (Idem, p.56).

Compreende-se que, enquanto o homem perde sua própria segurança, valores, a única coisa que a ele não se pode tirar é a própria existência que vive, num contexto histórico cheio de vários medos, dos quais não pode fugir e tem de enfrentar. É assim que os homens ganham a sua heroicidade porque, mesmo perante situações que os levariam à fuga, as preferem enfrentar ou aceitar na qualidade de um ser no mundo e suas dinâmicas.

Este homem vive uma derradeira angústia, mas numa linha de aceitação de si próprio e como sua própria salvação, do próprio ser que se encontra vagueando pelo mundo. Sabe-se de antemão que, quanto maior for a ameaça da existência, ele ganha mais repulsa de si mesmo.

Sendo o existencialismo uma caracterização histórica, faz com que o homem se encontre diretamente consigo mesmo, isto é, apreende a sua própria existência, problemática que a subscreve no universo como ser no mundo e ser para o transcendente porque esta é a melhor maneira de pensar o existencialismo numa dimensão ilimitada como percurso histórico (MARTINS, 1955:63).

É uma revelação de que o existencialismo ocorre numa dimensão histórica ou é caracterizada num percurso histórico onde são revelados os elementos constitutivos e as suas exigências fundamentais como afirmara Jaspers: “existência não é mais do que alguma coisa com faculdade de buscar o certo para consigo mesmo” (MARTINS *apud* Jasper, p.65).

Numa dimensão histórica, o homem procurará apreender a transcendência, que significa um caminho para chegar ao transcendente (Deus); é um apreender do conhecimento do transcendente que se manifesta na vida dos homens. Como diz Jaspers, o transcendente é importante para qualquer existente porque todo o existente escolhe a forma de se encontrar com ele por meio da sua própria razão e esforço, o que para muitos filósofos

é saber descobrir os sinais da transcendência.

1.3.2 *Concepção da existência segundo Karl Jaspers e Gabriel Marcel*

O termo “existência” vem do latim “existere”, palavra usada no vocabulário comum para designar uma realidade, um ser e a vida. Etimologicamente, o verbo “existir” tem origem no latim clássico e significa “mostrar-se, aparecer, sair de”. Numa linguagem filosófica, veio a assumir o sentido de uma realidade enquanto oposta a possibilidade (LOGOS, Pp. 387-388).

Karl Jaspers parte do termo alemão *Existenz*, para referir-se a pessoas individualmente consideradas; como derradeira fonte ou substrato de cada “eu” individual, que se pode considerar um princípio de liberdade. É uma estrutura universal descrita por meio de uma historicidade. Trata-se de um princípio de espontaneidade (JASPERS, 1973:23). Percebe-se que a existência trata de uma qualidade de vida onde cada ser vivente procura fazer parte de uma forma livre, e que isto faz parte da histórica de cada um. É algo possível a todos, mas onde cabe a liberdade de cada um.

Heidegger prefere usar o termo *Dasein* no lugar de existência, mesmo reconhecendo que a essência do *Dasein* se estabelece na sua existência, para se expor na estrutura ontológica da existência, o que se denomina existencialidade¹⁵ (FERRATER, 2001:962). É um modo pelo qual há uma transcendência de relações e técnicas porque em si, a existência é uma criação de novas técnicas, por isso, só é possível num determinado espaço e tempo para a sua actuação e concretização. Assim como Heidegger considera *Dasein* de existência, Jaspers prefere, num outro contexto, *Existence*¹⁶.

15 É algo que nos ajuda ou nos permite termos acesso ao sentido do ser como ser.

16 Palavra inglesa para designar “existência”. Para Jaspers, o *Dasein* é a própria existência empírica que se exprime desde que diz: “eu sou. É a totalidade inacabada do presente que compreende todo o real. É o que coloca o indivíduo na medianidade do ser: estou no ser na medida em que vivo a minha vida no universo que é o meu. É tudo que diz respeito ao viver no meu universo próprio, nascer e desaparecer, desejar, combater”

Também o termo “existência” vem do latim *Existentia*, que significa “modo de ser de algum modo delimitado e definido; estado do que existe; realidade do ser e sua vida; forma da vida do ser” (significado geral). Este, por sua vez, é posto numa particularidade de termos, onde é possível enunciar três significados: como modo de ser determinante, o que usa uma linguagem comum; o modo de ser real, que é na realidade ou subsistem; e o modo próprio do homem, que restringe o ser do homem no mundo (ABBAGNANO, 1993:398).

Existenz é tudo o que é essencialmente real, estruturado numa forma universal. Ninguém existe simplesmente, mas sim confiante a nós mesmos como a arena e o corpo para a realização da nossa origem. É um campo sem limites de possibilidades no contexto da existência (JASPERS, 1973:4).

A existência, para Karl Jaspers, só pode ser percebida tendo em conta o ser, a verdade e a realidade. Destes elementos, perceberemos que, do primeiro, surge a experiência pessoal, onde se afirma que tudo o que deseja ser algo perceptível ou objetivo é sempre fruto de uma determinação entre várias perspectivas e um modo de ser. Do segundo, o homem saberá promover a própria existência porque o contrário seria danificar ou limitar a sua existência. O terceiro e último elemento é fruto da verificação do segundo que é a verdade. Esta levar-me-á a uma luz que me vai tornar livre pois, caso contrário, tudo parecerá estar dissolvido.

O homem vive sempre segundo um conhecimento e, cada dia, procura ultrapassar o que já conseguiu conhecer como busca de uma nova visão e novos horizontes para um exame mais claro e profundo. Nem com isso chega a uma percepção seleta que constitui a totalidade do ser absoluto mesmo para diversas hipóteses por ele tomadas (JASPERS, 1973:21).

Com este movimento, Jaspers quer revelar-nos que é em todos os lados que o homem luta mas nunca chega a um determinado consenso da própria luta, isto é, encontra sempre uma

barreira onde, repetidas vezes, não chega a uma conclusão certa. Podemos chamar-lhe uma consciência existencial que o próprio homem tem consigo mesmo e na qual transcende as suas próprias capacidades intelectivas.

Relativamente a Gabriel Marcel, existência é o mesmo que um recurso à transcendência; sendo ele mestre da introspeção e da autorreflexão. A existência é uma forma de busca ontológica do testemunho baseado na fidelidade, amor e esperança em sintonia com o ser (ZILLES, 1998:8).

Marcel introduz-nos a uma primazia do próprio ser chamado a estar em relação com, como objeto fundamental na sua busca de uma realidade concreta. Estamos perante uma comunhão com o ser transcendente que é um existente concreto. Além disso, alicerça tal busca ontológica na insatisfação do que se está buscando, como preocupação em não deixar passar. É o ponto pelo qual o homem deve começar o seu pensamento.

Além disso, Marcel formula o seu pensamento sobre a existência dando-nos a conhecer que o existir é certa forma de ser, mas que não deve ser considerada única, uma vez que nada mais poderia ser sem existir (MARCEL, 1935b:45). É uma maneira de nos revelar que o existir em si vai além daquilo que cada homem pensa, isto é, é uma história a ser vivida como auto afirmação do mesmo ser, presente num contexto histórico, cultural e temporal.

Marcel encara a existência como um ponto de partida e fundamento de toda filosofia de existência do homem, assim como do transcendente e o ser existente é chamado a viver a diversidade e multiplicidade de pensamentos que o circunscrevem porque a natureza e as suas circunstâncias são o caminho a ser percorrido sem deixar de lado o transcendente como guia (MARCEL, 1951:22-27).



Capítulo 2

O SER NA EXISTÊNCIA E SUA FORMAÇÃO

No presente capítulo pretendemos traçar um caminho pelo qual se chega a uma existência, partindo da verdade percorrida pelo ser, seu encontro e relação no mundo, com o transcendente e a liberdade de que goza.

2.1 A verdade como caminho para a existência

“Verdade” do latim *Veritas*, designa a conformidade ou conveniência do ente com a mente. Relação do ente com o intelecto onde o ente deve ser inteligível porque, caso contrário, nada haveria de conformidade. Mais ainda, pode ser vista como sendo a adequação da mente com a coisa (FERRATER, 2001:2994).

Neste sentido, verdade é o objeto pensado que se transforma em realidade pensada. É ao adequar as ideias que o intelecto tem acerca de um determinado objeto que se oferece numa proximidade da imagem concreta. Este processo decorre num movimento histórico da existência do ser humano.

Com o termo “verdade” percebe-se que ele pode ser fruto da dor, desespero, mas não se funde sem antes trazer o que se deseja. Ela existe sempre, apesar de muitas vezes ser incompreensível. Impulsiona o homem a ser corajoso e a tomar decisões fortes consigo mesmo (JASPERS, 1973:39).

A verdade, como tal, é pessoal. Dificilmente se convence outrem que adira ao que corresponde à realidade. Nada em si não existe e nunca existirá, a não ser que o homem a torne verdade segundo as suas condições. Limita o conhecimento da existência dos outros, assim como de nós mesmos, uma vez que é particular. Quer a verdade quer a existência são sempre particulares. De lembrar que a verdade encaminha o homem à existência e o contrário limita a

existência (Ibid., p. 42-43).

Cada sujeito procura dar a conhecer aos outros a ideia que tem da verdade. É um caminho que o sujeito faz na busca da própria existência que está além da própria história, o que cria um certo obstáculo para que sejam conhecidas as ideias dos outros como outras verdades. É o caminho do existente porque, sem ele, não se chegaria a uma autêntica existência.

O meu “eu” já é um problema e permanece sempre problema. O que sustenta tudo o que sou e penso é a certeza que me leva a descobrir a minha existência consciente, isto é, que não se coloca fora de si mesma. Podemos dizer que a verdade tem um significado plural: a nível da consciência no seu todo e a nível espiritual, fruto de uma convicção (Ibid., p. 45).

Falar de verdade a nível da consciência significa ter presente a coisa que se manifesta, isto é, o que é em sua virtude e sem depender de outra coisa para que possa existir e, a nível do espírito, trata-se de uma convicção, onde se prova por meio da existência e do pensamento, submetendo-se a integralidade¹ das ideias, como forma de confirmar a sua verdade (Ibid., p. 46).

A verdade leva o sujeito pensante ao autoconhecimento quer seja de si mesmo ou do próximo. Sem a verdade, a existência não teria sentido porque se ficaria numa multiplicidade de dúvidas, que se pretenderia esclarecer e ao mesmo tempo viver. Da verdade se constrói um caminho para conhecer as coisas e as pessoas. Eis porque Jaspers a assume como algo particular que impulsiona o sujeito pensante a ter coragem para uma determinada decisão.

Jaspers vê a verdade como significação dos modos da realidade abrangente porque, perante a existência, a verdade deve atuar tendo em vista servir de guia para uma determinada satisfação vital. Para com a consciência, a verdade direciona os testes e os métodos da própria razão e espiritualmente serve de garante ao estabelecimento de totalidades espirituais.

1 Característica e condição do que forma um todo ou estado completo.

A verdade para Jaspers pode também ser percebida como comunicabilidade, uma vez que, em cada forma de ser e da verdade, há sempre algum sentido próprio e distinto. Para o seu alcance, somos chamados para uma experiência e tal fenómeno pode ser conhecido através da famosa expressão Jasperiana: “Somos o que somos só através da comunidade de entendimentos mutuamente conscientes. Não pode haver nenhum homem só para si, como simples indivíduo” (GILES, 1975b:254).

Jaspers insiste no aspeto interativo do ser humano no percurso da existência perante o ambiente em que se encontra, o qual moldará a sua mente com uma comunicabilidade sustentável capaz de fazer uma história, lendo sempre o seu passado, mas vivendo o presente com uma perspetiva de futuro. Além disso, saberá orientar-se diante das várias modificações que o tempo lhe proporá. Tudo isto é percebido como condição abrangente para uma verdade. É uma comunicação consciente para com a consciência realizada pontualmente diante de todas as categorias lógicas.

Relativamente a Gabriel Marcel, sustentando a ideia de vários filósofos, a verdade refere exclusivamente ao juízo. Este por sua vez pode ser verdadeiro ou falso, mas não se pode falar quer seja de um sentimento assim como uma sensação, sem invocar a verdade ou falso. É uma invocação ou distinção que requer garantias naquilo que se crê. Admitir um núcleo de sensação ou de sentimento, levamos a uma possibilidade de concordâncias entre o eu, e os outros nesta mesma direção, mas vista como mera coincidência onde não há garantia de existência (MARCEL, 2002: 64-65)².

2.2.1 Ser com os outros numa realidade abrangente

Do grego *eivai*, infinitivo do verbo “ser”, que corresponde a *esse* em latim, *sein* em alemão, é traduzido como “ser” em português (FERRATER, 2001:2655). Assim podemos perceber

2 Gabriel Marcel (todas as traduções portuguesas desta obra de 2002, em Espanhol são da minha responsabilidade).

a natureza do conhecimento do próprio homem, que progride e procura refletir sobre si mesmo até chegar a um ponto em que irá questionar-se acerca do ser em si mesmo, que aparentemente se ilude na manifestação de todas as pesquisas científicas com as quais o homem é submisso ou às quais se submete.

Esta designa-se realidade abrangente porque dela derivam novas ideias, apesar de não existir uma manifestação visível como horizonte em si. Uma vez sabido que a realidade abrangente se anuncia em objetos presentes e no âmbito dos horizontes, em nenhum momento irá tornar-se um objeto palpável (JASPERS, 1973:22).

Não passa de uma exigência ontológica, como diz Marcel, na qual sem ela, o homem não se define. É o ser que terá sentimentos de insatisfação; sensação do que pode ser errado como conflito ontológico. É necessário para a coerência do sujeito pensante e a sua compreensão. Já que dissemos ser uma exigência ontológica, não deve ser visto como um desejo, mas sim como um apelo para ou como movimento do próprio espírito humano além de si, procurando estabelecer um novo tipo de relações ou alcance de uma nova história da própria existência.

O ser em si é aquele que permanece em si ou dentro de si, o que podemos chamar de ser imanente ou constante; muitos pensadores chegaram a dizer que este era a substância, mesmo sabendo que a substância é o princípio de suas manifestações e que não pode estar imanente a si mesma (FERRATER, 2001:2658).

Precisamos de esclarecer a realidade abrangente, o que significa buscar uma linguagem para melhor esclarecê-la e, com ela, formularmos questões que possam nos encaminhar à verdade e à realidade no seu todo. É preciso que tenhamos objetividade em determinadas aparências, o que podemos chamar de modos da realidade abrangente (JASPERS, 1973:24).

Cada sujeito é uma existência, por isso que torna-se base da consciencialização, porque o retorno deste é a chamada consciência da existência real, uma existência com um começo e

fim, lutando sempre, sofrendo e alegrando-se, mas sempre com uma esperança, embora tudo isso como busca e tentativa com uma finalidade. O relacionar-se do ser é sempre uma existência, por isso a transcendência de que foi dado é o lugar pelo qual se pode encontrar (Ibid., p.25).

A realidade abrangente com que o homem é, é como uma existência e espírito, porque se torna um objeto de estudo como uma realidade empírica da existência humana e espírito que cai sob a atenção de cada sujeito. Mas o conhecimento científico sobre a existência e do espírito não é o conhecimento da realidade abrangente. É um conhecimento aparente cujo ser é o que somos nós mesmos ou podemos ser (JASPERS, 1973:28).

Percebe-se que, com a realidade abrangente, o homem persevera a sua liberdade contra a cognoscibilidade, mas, tomada a ideia do conhecimento como realidade, o mesmo homem poderá perder-se da realidade. O que o homem conhece não corresponde ao ser em si, mas àquilo que lhe é manifesto.

O ser surge como fruto de uma experiência determinada a partir de várias transformações, como um percurso de luta para superar vários horizontes que obstruem a mente, mesmo sendo difícil de atingir. Se falamos do ser e da sua realidade, estamos convictos de que a realidade é o mundo onde o ser existe e que o ser é a consciência da sua existência.

A realidade pode ser abrangente, na medida em que deve ser elucidada, o que significa buscar uma linguagem típica para ela, tem em vista a formulação de questões básicas e verídicas da realidade em si como um caminho filosófico exigido. Muitos pensadores dedicaram-se ao estudo da realidade como algo abrangente, mas apraz-nos ver como Kant entendia a realidade abrangente³ (JASPERS, 1973:24).

3 Para Kant compreender a realidade abrangente que é o mundo significa tornar o mundo em um objeto para o próprio sujeito pensante, como um objeto condicionado pela nossa forma de encarar ou pensar. Isto revela também a unidade e a consciência no geral. Nenhum ser pode ser em si, além de uma aparência em si mesmo, como a consciência se manifesta também em si mesma.

É esta linguagem típica que põe o ser existente numa dimensão de historicidade uma vez que, em cada momento da própria existência, é enfrentado por um vir a ser constante enquanto sinal da sua limitação em termos existenciais.

Gabriel Marcel na sua obra *Le mystère de l'être*, trata o ser e a sua realidade como uma relação “com”, sendo que o relacionamento de qualquer objeto ou pessoa é sempre “com”. Dos objetos ainda não se pode tirar alguma diferença, mas do ser humano sempre tirará e em qualquer interrupção em volta da relação que se assume haverá sempre diferença (MARCEL, 1951:59-60).

Nesta tese existe uma espécie de manifestação de uma certa reciprocidade entre o “eu” e “tu” a que Marcel chama uma relação “com” (ou *avec*) diante da outra pessoa assim como objeto. Diz Marcel que expressa o coito⁴ genuíno da separação com a comunhão (TREANOR, 2016:10.3)⁵.

Caso esteja disponível para o “com”, surge sempre uma harmonia expressa pelo amor, esperança e fidelidade ao que se tem, e pelo contrário, a presunção de si mesmo. Estar “com” equipara-se a uma relação de afeto, embora exija tempo para o conhecimento do outro. Tal conhecimento não nos liga ao outro, mas a sensação de que o outro é para nós uma peça valiosa para a criação da relação de fraternidade que está num itinerário histórico da existência de cada ser humano. É a mesma relação que permite a descoberta daquilo que supera o seu modo de ser e de estar.

O estar “com” é uma presença em várias ocasiões do “eu” com o “outro”, marcada pelas horas na medida do possível onde, se desenvolve os mesmos sentimentos. Uma presença que significa, alguma coisa a mais, diferente do que um simples estar aí. Razão pela qual, não se diz o objeto está presente porque, a presença dita experiência, que é o sentimento mesmo de existir, de estar no mundo. No ser humano vê-se a união, articulação entre a

4 Coito genuíno que expressa a pluralidade ou pluralismo. O texto original está na língua inglesa. A tradução para a língua portuguesa é da minha responsabilidade.

5 Treanor (todas as traduções portuguesas desta enciclopédia em Inglês são da minha responsabilidade).

consciência de existir, que sem dúvida nenhuma razão pode negar, além de reconhecer (MARCEL, 2005:27)⁶.

Como diz Gabriel Marcel, o ser tomará consciência da sua existência ligado sempre a um corpo, como encarnado, onde do ponto de vista existencial, e sobre a realidade naquilo que parece poder ser outro a desencadear uma personalidade encarnada. Este problema sempre se desencadeia pelo mundo exterior, onde há uma transformação que leva ao ser à perda do próprio significado. Com efeito não pode contradizer-se isto é, pensar em seu corpo como não existente, porque o existente é sempre em relação (MARCEL, 2003:12)⁷.

Nesta citação acima, Marcel revela-nos a capacidade que o ser é chamado a ter isto é, de examinar a própria existência, o que significa um trabalho exigente, levando ao próprio existente a agregar seus esforços com aquilo que ele é, pensa e vive, numa dimensão corpo- pensamento, uma vez constituírem porção da própria essência na qualidade de um ser.

Ademais, a relação do ser para “com” é um manifesto da insegurança, intranquilidade que se torna refúgio, mas que não é a solução por não se tratar de uma facilidade dada ao mesmo ser para uma transcendência como refúgio naquelas situações incompreensíveis. Uma reação vislumbrante de união paradoxal da plenitude em superação de todo o dilema na relação entre eu e tu (BUBER, 1974:7).

É uma reação em que o ser existente mergulha nas profundezas de um mistério desconhecido com o intuito de se conhecer a si mesmo por meio daquelas realidades que desconhece. O processo todo está numa dimensão da própria existência, que vai além da sua própria presença como sujeito chamado a conhecer.

6 Gabriel Marcel (todas as traduções de espanhol para português desta obra de 2005, são da minha responsabilidade).

7 Gabriel Marcel (todas as traduções de Espanhol para portuguesas desta obra de 2003, são da minha responsabilidade).

2.2.2 Ser e a transcendência

Como foi mencionado anteriormente, a transcendência é o lugar onde o homem se refugia perante as chamadas situações-limite. Tudo isto porque a existência é uma investigação em torno do ser, mesmo que não se trate de possibilidade da existência. Tudo quanto o ser consegue alcançar, não faz parte do ser em si, que permanece numa dimensão horizontal, transcendental de tudo aquilo que se deseja alcançar (ABBAGNANO, 1978:234).

Se o ser humano está envolto em situações que não o deixam pensar, a transcendência é o lugar de referência que o pode fazer ultrapassar tais situações, mesmo nas situações de incompreensão, uma vez que não são redutíveis a alguns momentos, assim como elementos do próprio saber. Transcender é ultrapassar uma margem para outra como busca de solução.

Karl Jaspers diz que é em todo desenrolar e esforço feitos pelo homem que busca ultrapassar o mundo da experiência, consoante a realidade em que se encontra produzindo espécies de cópias do chamado ser em situação que projeta o mais além. A transcendência não oferece matéria para a sua explicação nem lugar que o possa determinar (JASPERS, 1953:24).

Recorrendo aos discursos de Moisés no monte Sinai, podemos perceber como a transcendência age, olhando a resposta que o criador deu a Moisés: “o que direi ao seu povo caso me pergunte quem és? Diga que “Eu Sou O que Sou” (Êxodo 3,14). Isto era mais para dar a conhecer que se trata de um ser absoluto, sem existência, sem determinação e que não se iguala a ninguém. Só assim poderemos perceber que existe um ser transcendente, além do que o homem domina e pensa conhecer.

Estando a transcendência presente no ser do homem em forma de símbolo, necessita deste homem para a interpretar. Revelar-se nas situações-limite para o caso de Jaspers, porque é quando nada é possível fazer ou transpor que o homem nada mais

racional pode fazer, além de tomar consciência delas e torná-las esclarecidas (JASPERS *apud* REALE, 2005:602).

Transcender é ultrapassar; é realizar o ato de existência; é ultrapassar que é ação própria de qualquer ser existente que se mostra sob o ponto de vista formal, isto é, relação que vai de alguma coisa para outra (Jolivet *apud* Heidegger, 1953:152-153)⁸. Falar de transcendência é o mesmo que falar de algo que somente podemos ouvir e não podemos perceber o que estamos ouvindo, isto porque é como que se estivessem a falar uma linguagem não compreensível. O homem somente procura contemplar e espantar-se do que vê e ouve. A ciência, como tal, está longe para poder perceber a transcendência, porque ela é como a verdade (JASPERS *apud* REALE, 2005:603).

Marcel considera que o homem chega a ser ou deve ser quando se une a um ser fora de si, mesmo que o ser e a intersubjetividade, estejam indissociavelmente ligados entre si porque, numa dimensão de experiência, terão de percorrer a esfera intersubjetiva. Além disso, o homem constitui-se como homem enquanto aceitar e criar outros como seres iguais a si mesmos (ZILLES, 1998:72). Isto significa que a dimensão com o outro ser é fundamental para o reconhecimento do ser transcendental porque se cria com o outro uma espécie de reconhecimento sempre necessário para a própria experiência da constituição de si mesmo. É a capacidade de compreender o abismo absoluto e insuperável presente ao ser num determinado contexto histórico.

8 É uma ação de vai e vem, onde a única alternativa é seguir a trajetória indicada. É o que está além das possibilidades do existente. É o estado do ser que nunca se resolve no possível, e com o qual a única relação que o homem pode ter consiste na impossibilidade de o alcançar e manifesta-se em forma de cifras - símbolo mediante o qual o ser transcendente pode estar presente na existência humana sem, contudo, adquirir caracteres objetivos e sem fazer parte da existência subjetiva (NOGALES *apud* JASPERS, 2003:294). Denominam-se também de situações- limite. É o que está além da possibilidade de existência.

2.3 Autorreflexão e introspeção em Jaspers e Marcel

Falar de autorreflexão e introspeção implica olhar como cada um desses autores reveste o seu pensamento ou as suas ideias acerca de um determinado contexto. Jaspers é um dos autores que centra o seu pensamento numa relação entre existência e razão, o que o encaminha numa realidade que se chama verdade. Nela insiste de modo que não seja vista como característica de algo particular, mas ambiente do desdobramento da própria razão. Como dizíamos anteriormente, é com a verdade que o sujeito pensante chega a um determinado conhecimento.

Por isso, Jaspers faz repousar o seu pensamento numa investigação em volta do ser humano e o mundo que o rodeia onde o ponto principal é como existe e quais são as situações históricas da sua existência partindo da experiência por que o mesmo tem passado. A ideia que desenvolve na sua investigação é em torno do homem na sua relação com o transcendente, que não deve ser considerada faculdade conferida pela natureza, como acontece com a liberdade que só desponta em cada um quando transpõe de um salto a simples afirmação vital de existência, indo ao encontro de si (JASPERS, 1960:73).

Com esta afirmação, Jaspers quer despertar no homem a capacidade da autenticidade que o levará a descobrir a sua própria presença enquanto um existente num determinado espaço-tempo e como objeto suscetível de conhecimento. É por meio destas vias que vai apreendendo tudo quanto acontece em sua volta. Num juízo por ele feito, não tem porque apoiar-se em si mesmo, mas sim na categoria daqueles que o rodeiam, que com ele ajudarão a encontrar valores acessíveis. Conta muito a humildade para que a reflexão permaneça num instante com certeza. Na obra *Filosofia da existência*, Jaspers faz um desdobramento em torno da existência, do objeto concreto da finitude do ser e da transcendência temas que mais adiante iremos desenvolver como uma amostra da sua capacidade introspetiva.

No entanto, Marcel considera de um olhar para as chamadas experiências interiores uma vez que destaca como seu pensamento a singularidade irrepetível de cada ser que existe sem nunca se cingir apenas a simples dados explicativos. Ademais, cada ser é ao lado do seu corpo em vista a uma realização e que tal realização deve ser vista de modo singular porque, caso contrário, reduzir-se-iam ao ter e não do ser (MARCEL, 1935:11). É necessário que se use uma linguagem capaz de abranger o próprio ser humano segundo o que é e, uma vez caminhando numa história que a cada dia se atualiza mas sempre numa visão singular de modo a não reduzir numa simples figura.

2.4 A valorização da experiência como método segundo Jaspers

Para falarmos deste subtema temos como base a obra de Karl Jaspers intitulada a *Fenomenologia* escrita em 1912 e *Psicopatologia geral*, escrita em 1913. São estas duas obras que mais focalizam a valorização da experiência como método para Jaspers porque parte de dados experienciais para o concreto. É da fenomenologia que Jaspers chega à Psicopatologia geral, abordando conceitos no sentido universal que a nível particular são esclarecidos pela fenomenologia⁹.

Como fez Edmund Husserl no sentido de dar continuidade à chamada determinação em filosofia, que se igualava às investigações lógicas em fundamentos epistemológicos para as meditações cartesianas, Jaspers, na sua fenomenologia, tornou-se um pré teórico e longe das preposições, fazendo uma descrição e delimitação dos mesmos colocando balizas de pesquisa vistas por fora. Esta forma de delimitar consistia em tentar estabelecer o

9 Para Jaspers a fenomenologia é um dado importante que se liga às doutrinas metafísicas e epistemológicos, permitindo a descrição das entidades mentais na captura de imagens numa fase experiencial. Dela, apresenta-nos as qualidades particulares vistas em repouso; a dimensão existencial; relação entre sujeito-objeto, e trata da arte como expressão da cultura com duas dimensões subjetiva e objetiva.

seu pensamento numa racionalidade sólida como fundamentação rigorosa e científica (GILES, 1975:132).

Como qualquer ciência ou qualquer método em uso, Jaspers propõe-nos numa visão cartesiana que nos trouxe diferentes inquietações ou limitações. Para usar este método numa realidade em que ele aplicava, Jaspers reconhecia a multiplicidade de resultados que o ajudavam a criar novas plataformas no tratamento dos pacientes. Como diz a citação anterior, é uma teoria usada antes de várias investigações mas que o leva a uma conclusão.

O pensamento fenomenológico vem esclarecer o que tem a ver com as ações humanas: eis o motivo por que Karl Jaspers assumiu este método ainda em tratados ligados à psiquiatria como forma de melhor estruturar bases sólidas das ciências humanas e humanísticas, num contexto de repulsa por parte de alguns psiquiatras. Daqui faz a mais descrição pormenorizada dos factos num clima de cientificidade, mas com uma clara evidência no que tange à existência e o que pode afetar tal existência (CARVALHO, 2006:190).

É por meio deste método que procura fortalecer as ciências com uma dimensão existencial capaz de servir ao homem na reconstrução de si próprio, como sujeito presente numa realidade histórica. Husserl, em alguns momentos, demonstrou a sua limitação, mas Jaspers foi mais além, reconhecendo no homem a visão de si mesmo numa vida feita em relação. É isto que formaria as ditas ciências humanas de que alguns psiquiatras não estavam a favor e que Jaspers resgatou para melhor compreender o ser humano.

Sendo a filosofia uma ciência fundamentada num dinamismo intencional de uma consciência sempre disposta a novas realidades, que antecede qualquer sistematização que seja também Jaspers, usando este método, tem por objetivo abranger a maior parte dos conceitos, termos que permanecem numa determinada mudança segundo o progresso de cada um e as respetivas descrições que encaminham para novos fenómenos (Ibidem, Pp.132-133).

Uma vez que usar este método numa investigação tinha

mais a ver com a psicopatologia, o método em si tem características de abstração e descrição pura das realidades; por isso, o seu esforço torna-se um sucesso como forma de chegar a uma síntese. Deixa de ser uma simples ideia do que se está observando ou questionando para se tornar um olhar intelectual ou estudo puramente descritivo do que, na psicopatologia se reveste de uma linguagem típica da sociedade em que cada paciente vive.

Para Jaspers os pontos de vista revestem-se de um carácter importantíssimo porque são os mesmos que fundamentam a filosofia como ciência lógica, partindo de um dado objeto, realidades que este apresenta e possíveis mutações que simbolizam o seu devir. Este método fenomenológico é uma ciência que entra em contacto direto com as realidades das coisas e procura dirigir tais realidades para um conhecimento essencial. Ao usar este método, Karl Jaspers quis restaurar tanto os estudos clínicos assim como a própria filosofia numa dignidade, o que significa dar significado às ciências exatas.

Jaspers em alguns aspetos foge da visão husseriliana porque ao usar este método não o aplica como simples detentor de ideias, mas sim de ideias já experimentadas e que procurava interpretar tais experiências, o que significa tomar como base os dados adquiridos pela experiência e o seu possível progresso. Na psicopatologia descritiva, Jaspers afirma que o seu método fenomenológico é inclusivo porque, passa da psicologia subjetiva à objetiva. Significa que o método fenomenológico procura dar sentido às realidades visíveis, e aquilo que nelas reside (GILES, 1975:137).

A compreensão na aplicação do método fenomenológico leva Jaspers a procurar dar sentido àquilo que é o fruto da sua pesquisa e a perceber que daquilo que se vê, é possível ter a ideia do que pode ser. Nada pode ser estranho ao observador daquilo que está observando sem que tire a devida essência que faz parte do fenómeno. Assim sendo, Karl Jaspers com o método fenomenológico, resolve as necessidades obtidas da psicopatologia e propõe-nos um caminho para as ciências filosóficas, que nos conduzirá a um mundo de inclusão científica.

Capítulo 3

FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA E SUA ANÁLISE

Neste presente capítulo faremos a contextualização da filosofia de existência como uma ciência, situações que limitam a filosofia da existência, transcendência, fracasso e existência na transcendência, lugar da existência na transcendência, ser e ter na existência e sua situação no mundo, existência como movimento na caracterização histórica e, por último, daremos a resposta a que nos propusemos ao pensarmos no tema do nosso trabalho, que é: porque a existência está além da história.

3.1 Contextualização

Na chamada filosofia de existência, vários filósofos afirmaram de forma unânime que sentiram satisfeitos em esclarecer as possibilidades de uma filosofia de existência. Jaspers, autor do qual muito nos inspira, foge da perspectiva de alguns deles porque, querendo falar da filosofia de existência, coloca como ponto de partida o que é o ser em geral. Mas Jaspers muito se preocupa com a descrição deste ser numa realidade concreta, isto é, a sua existência querendo dizer-nos que a filosofia deve ter o seu começo não em pesquisas de problemas ligados ao ser, mas sim ao inquérito da situação específica em que o filósofo se encontra no mundo (GILES, 1975:151).

Acreditar numa ciência é ter uma visão clara de certas ideias. O que a filosofia tem de pior é deixar os homens sempre suspensos em termos de ideias, isto é, sem conclusão capaz de ser apreendida. Enquanto a ciência alcança em seus domínios resultados satisfatórios, a filosofia não tem por preocupação tal alcance além de lançar um problema e deixar em aberto. Jaspers na citação anterior, mostra-nos a razão do seu afastamento relativamente a outras ideias dos filósofos procurando situações concretas onde o

homem se encontra.

Apesar da inspiração que a filosofia oferece a qualquer um, na forma de pensamento eficaz, elaboração consciente de ideias, qualquer que seja a forma de ser assumida, tudo terá a sua índole enquanto o próprio sujeito pensante for homem e pensar como homem, numa tarefa impulsionadora tendo em vista dar esclarecimento da presença do homem numa realidade histórica porque não individual porque, segundo Jaspers, não se pode resolver o problema do ser por meio de uma simples análise racional (GILES, 1975:152).

A filosofia da existência deveria levar o homem ao concreto, isto é, ver até que ponto o homem passa por várias experiências reais como consciência da sua existência. Isto é o que deveria ser a meta da filosofia.

Para Jaspers, a filosofia da existência subscreve-se fundamentalmente em três possibilidades: Existência (*Existenz*), que é um existente para si ou consciência da existência; *Dasein*, que é o existente no geral ou objeto existente; e transcendência (*Transzendenz*), o que é em si e não pode ser compreendida nas anteriores categorias. Pode se pensar que não há nenhuma diferença entre eles, mas é necessário ter em conta como eles se subscrevem. Os três (existência, *Dasein* e transcendência) estão presentes em cada um de nós e unem-se na luta da busca pela sua direção. São aquilo que cada um de nós é e, apesar disso, não temos uma informação cabal acerca deles (JASPERS, 1965:40).

Falar de uma filosofia de existência para este autor é ter em conta a situação em que cada homem se encontra, isto é, rodeado do seu próprio ser enquanto homem e daquilo que o faz ser homem na luta pela busca de sua direção e capacidade de discernir sobre a própria vida, baseada em consciência e liberdade, na medida em que o mesmo toma consciência para dizer eu sou o que diferencia o seu ser do resto de todas as outras realidades. As três possibilidades acima mencionadas constituem um ponto de partida para descrever a vida do ser, o que significa uma filosofia por se tratar de uma

tentativa de descrição.

A filosofia da existência deve ser vista como uma filosofia única, primordial, uma vez que não pode ser vista como um mero acidente, mas sim um caminho em vista a uma transformação substancial. Ela urge para dar relevo à tarefa da filosofia, que por um longo tempo andou esquecida: há-de olhar a realidade na sua origem e de captar esta mesma realidade através do seu modo de ser. Daí que o conhecimento de alguma coisa, a maneira de falar, das convenções e do desempenho de determinadas funções de todos os tipos de fenómenos que se apresentam em primeiro plano significa encontrar um meio de busca da realidade (JASPERS, 1973:3-4).

Isto significa estar atento ao que em volta ou a redor do ser humano acontece como forma de querer dar resposta às suas inquietações. Os vários movimentos filosóficos surgidos no século XX tinham como ideal dar resposta às inquietações levantadas, mas de um modo lógico, o que significa seguir um caminho que possa oferecer a veracidade do problema em causa. A mesma veracidade só pode ser fruto de uma convenção no campo científico.

A filosofia da existência relaciona-se com a transcendência porque as duas realidades levam o homem a tomar uma postura da sua história como ser vivente, o que implica olhar a realidade como é pensada. Este olhar assenta mais na vontade de unidade e na vontade de comunicação para o caso da existência e com a filosofia buscar-se-á a ciência baseada em métodos precisos e verificáveis. Diríamos que, com a filosofia de existência, o homem ganha mais experiência para a busca do seu ser como existente e, em seguida, saberá relacionar-se com o transcendente.

No entanto, Gabriel Marcel entende que falar da filosofia de existência é ter presente a situação histórica concreta do tempo em que se vive. Tais filosofias de existência não querem, a rigor, ser irracionais, mas criticam a redução ao racionalismo abstrato e impessoal, sem se contentar com o “*cogito*” cartesiano mas sim procurando o “*sum*” (ZILLES, 1998:32).

A visão marceliana é a de que a filosofia de existência é o

marco central da história do próprio homem, que o leva a poder de forma sucinta a sair do contentamento só e só dado pelo eu penso, substituindo por um nós pensamos, que indicará uma relação entre o eu e o ele.

Karl Jaspers configura a existência em dois modos *existenz* e *Dasein*. O *Dasein* ou existência empírica significa existência humana presente nas relações com o mundo, que podemos chamar de uma presença objetiva no mundo ou estar aí. Assim sendo, o termo *Dasein* diz respeito aos homens, objetos, mundo numa perspectiva de objetividade e vem a ser uma parte da realidade das coisas, e que não é tão completamente determinada (JASPERS, 1968:109).

Ser existente é uma realidade englobante entre o ser em si e o mundo que o rodeia numa multiplicidade de relações objetivas e determinantes ao próprio ser humano, que é o marco principal do conhecimento das coisas.

O *ser aí* é diferente da existência que podemos colocar em torno de várias possibilidades. Com isso, pode-se concluir que é um “poder ser” na linguagem de Jaspers que permite uma abertura a várias escolhas feitas livremente com uma autenticidade. O *Dasein* “estar aí” é estático em relação ao que se vive objetivamente; é um “eu” propriamente “na e para” a angústia da existência resolvida; é a existencialidade que realiza o ato de transcender; é um projetante. O existente, enquanto *Dasein* em simultâneo, coloca-se uma condição de dar-se da possível existência (JOVILET, 1953:139-141). O *Dasein* é uma realidade que leva consigo um passado e um futuro com intuito de dar uma resposta ao presente, numa dimensão autêntica do que se está pensando. É o que simultaneamente representa o que foi e o que será.

Relativamente a Gabriel Marcel, existência é o mesmo que negar toda a objetividade, pois é uma maneira de presença que não é especial, objetiva. Se o objetivo é algo que não conta para mim, o existir é uma presença que me envolve, que me afeta em todo o meu ser (ZILLES, 1998:47). Aqui Marcel ressalta uma existência

feita por meio da relação com; ninguém existe sem que esteja em relação com o outro porque a existência dos outros torna a minha experiência da própria encarnação ou daquela realidade do ser que aparece ligado a um corpo. O outro existe na medida em que nos relacionamos, e isso chama-se existência ou disposição primordial do meu ser no mundo.

O homem existente ou *Dasein* é dotado de capacidade de manifestação, mas a nossa consciência aprisiona e leva o homem a permanecer na mesma prisão. Na medida em que o mesmo se descobre, é como que uma luz que tira o homem das várias transformações, mas sem nenhuma indicação da realidade que se deseja alcançar. O nosso entendimento como homem deveria conduzir-nos a isto, como forma de alcançar uma nova aprendizagem (Idem, p.42).

Quem é existente deve colocar-se num modo de ser no mundo, o que lhe vai encaminhar a uma mudança ou salto para lá das suas possibilidades e determinações, o que significa superação dos limites. O salto acontece na medida em que o existente se confronta com as limitações, o que irá dar significado e presença no mundo. Isto leva-nos a concluir que o mundo é *Dasein*¹ e que o *Dasein* é o ser determinado dos objetos, temporal que é objetivo (JASPERS, 1965:30).

O pensamento filosófico Jasperiano leva-nos a um olhar de uma existência que se pode equiparar a um “poder ser”, que significa “sair de si” para várias possibilidades diferentes do *Dasein*, que é um permanecer no que se está vivendo de forma objetiva. A escolha feita pelo homem deve-se entender não simplesmente como uma capacidade de escolha, mas sim enquanto decisão pessoal (JASPERS, 1968:112).

1 Assim se conclui porque, segundo Heidegger, o *Dasein* é o único que tem possibilidade de se corresponder a si mesmo. Tal compreensão é fundamentada no próprio existir do ser. O *Dasein* é um relacionar-se dos entes onde o mesmo possui uma distinção ontica no seu ser. O *Dasein* é o único ser capaz de possuir um sentido, criar, desejar, construir, destruir, interagir o que não é possível aos demais entes. O *Dasein* é abertura de possibilidades de acontecimento, fenómeno e o aparecer do ser (HEIDEGGER, 1986:47).

Aqui estamos perante uma elucidação do existencialismo na realidade humana, o que significa esclarecer a existência rigorosamente dita não como algo experimental, mas existência em possibilidade que se supera a si mesma as determinações do mundo.

Não existe Existência sem *Dasein*, mas o *Dasein* não é Existência. Há que sair do *Dasein* para permitir a realização da Existência, que significa estar aí, o que é possível conhecer enquanto sujeito cognoscível. Apesar de o *Dasein* ser o mundo, não se reflete a si próprio porque algo lhe falta para se revelar, que é a consciência (Idem, p.113).

Esta nota implica olhar a existência no sentido de uma história onde tudo ocorre em favor do ser rodeado de vários fatores, que o ajudam na compreensão de si mesmo, por mais que se apresentem com características fora do próprio ser humano.

Podemos concluir este tema de filosofia da existência citando: “Tratar-se de uma forma rigorosa, simples da filosofia de existência, duma existência, da existência humana na sua mais pura subjetividade. É uma filosofia do ser no mundo que nós somos, a filosofia existencial que analisa o ser humano na sua pura interioridade” (MARTINS, 1955:44).

A filosofia de existência segundo Martins é a forma do ser no mundo que o homem usa para analisar a sua presença. Só se tornará filosofia de existência na medida em que este homem toma consciência de ser existente² porque nem todo o ser humano existe, o que significa desejar ser plenamente. É um poder ser vivido por meio de possibilidades. Este é um caminho que o homem percorre em busca da existência que lhe escapa devido às suas limitações.

2 Para Karl Jaspers, o existente está vinculado a uma história e às suas situações; com liberdade de modo para melhor discernir as situações presentes da história concreta, uma vez que o sujeito da história contempla várias oscilações entre subjetividade e objetividade; o existente é dotado de razão para melhor discernir e esclarecer os acontecimentos porque, sem ela, a sua existência obscurece. É com a razão que dará significado ao próprio ser. Para Gabriel Marcel, o existente é um ser indubitável por se tratar de um ponto de partida, já que é uma situação fundamental do próprio ser humano; é um ser singular, isto é, corpo que corresponde a matéria visível.

3.2 Situações-limite da filosofia de existência

Sendo a filosofia um ato de concentração que leva o homem a tornar-se autenticamente no que é e participar da realidade, é de recordar que se trata de uma tarefa exigente e não só, como diz Jaspers, exige contemplação, apreensão, consciência, comunicação e vigilância da própria razão para que seja o que deve ser (JASPERS, 1960:16).

A filosofia surge como um espanto do próprio homem onde muitas dúvidas saem dele, mas sempre principiados por uma meta a alcançar, o que implica finalidade. Tais princípios não se reduzem a simples espantos, mas a uma condição que os interprete em forma de linguagem perceptível. Além disso, uma vez que existir é encontrar-se existindo ou encontrarmo-nos sendo sem algum parecer do nosso lado, não se tem dúvidas da existência de limites numa filosofia que busca a existência. Além disso, existem as reais situações que limitam a vida do filósofo existente, tais como: a morte, a dor, o sofrimento.

a) Morte

É a possibilidade que o próprio *Dasein* assumiu para definir, através da forma mais pessoal, o seu poder ser. Os homens geralmente eximem-se da angústia da morte. Uns encaram-na como simples verdade estatística ou certeza experimental, e o que fica é a indecisão pessoal vista como sorte. Corresponde a um tagarelar quotidiano, a um caso accidental e desagradável (JOLIVET, 1953:127).

Vista como o fim da existência física onde ninguém escapa, ela leva o homem ao limite máximo da vivência de seu carácter e planos da vida traçados. Falar da morte é o mesmo que falar do fim de todas as expectativas do ser humano. É um fugir daquilo que ainda pode vir ao próprio ser. A morte convida o homem a pensar na sua condição mortal e em busca de resposta, quer seja científica assim como experimental, em vista a escapar dela. Todo

o homem tem a consciência desta realidade, mas o difícil é como poderá encará-la quando ele o envolver. Aceitar esta condição é o mesmo que admitir a existência de tudo mas que não seja tudo, porque com a morte separamo-nos de todas as possibilidades de viver por nós mesmos.

Jaspers vê à morte presente na vida do homem e que, este não só morrerá, mas já nesta vida, morre paulatinamente. É como o fim da vida terrena, ruína da existência corporal. Trata-se de rotura do visível, das relações que unem o homem para com o outro, a si mesmo, seus projetos e aspirações (O'CALLAGHAN, 2009:1.1).

É o que Heidegger chama de uma possibilidade ontológica que a presença do ser é chamada a assumir porque, com a morte o poder ser fica pendente. Resta simplesmente o seu ser no mundo como poder da não mais presença uma vez que, a possibilidade de que se refere depende do seu poder ser mais próprio. A morte deve ser vista como última solicitação, possibilidade da impossibilidade absoluta de presença (HEIDEGGER, 2005:32).

Para Heidegger, trata-se de uma possibilidade presente na própria existência, aberta para si mesma que só tem por resposta uma possível cura que pode ser considerada como um fim já que, o existente é chamado a ser para o fim permanecendo no privilégio dado pela possibilidade do próprio ser. A morte está presente na vida das pessoas porque estas são chamadas à morte.

b) Dor

É a fase que coloca o ser humana a ter que experimentar a morte antes que lhe atinja isto é, uma vida de muita amargura devido a dor física, que o leva ao desespero, e em luta para consigo mesmo. É a mesma luta que torna o homem numa grande angústia e o põe numa atitude de dilema total. Não se pode considerar a dor, como algo fora do homem, mas que nasce do mesmo, a partir dos próprios pensamentos que o encaminham a sentir-se limitado perante o muito que poderia fazer

c) Sofrimento

Sofremos porque estamos chamados a aceitar o que não deveríamos, mas uma vez que não existe outra alternativa, sofremos porque sabemos que iremos morrer; sofremos porque sentimos uma dor intensa sobre nós; sofremos porque passamos a vida trabalhando, mas agora sentimos e vemos que tudo foi tempo perdido e que agora não temos mais possibilidade de usufruir dos frutos.

Estas três realidades que acima mencionámos são as que limitam mais a existência do homem náufrago numa busca incessante do saber humano como característica sua e indispensável para o seu dia-a-dia. Delas não se escapa por nenhuma saída. Em lugar de querer vencê-las, com o risco de não poder, Jaspers vê nelas uma possibilidade da filosofia e a possibilidade de vitória, dado que a filosofar é sempre vencer o mundo, é não deixar de vencer, não deixar de manter o empenhamento das armas, afastando as ilusões apaziguadoras (JASPERS, 1970:22).

Jaspers vê no mundo e no homem dois problemas: disponibilidade e independência onde, por mais que o homem sintase independente, não o é com o mundo, além de sê-lo na sua dependência. É uma independência que está dentro da filosofia deste homem, maneira de se ligar absolutamente ao que transcende o mundo. Ser independente é estar sob dependência da Transcendência. Por isso, este homem não decide filosofar, mas filosofar como uma tomada de decisão em fazer brotar de novo em si a fonte viva, de encontrar o caminho do seu foro interior, porque esta é a maneira de existir (Idem, p.23).

Karl Jaspers, reconhecendo tal papel, procura ajudar este homem a pensar um pouco mais sobre si e, sem desfalecer, consciente do condicionalismo da época, mas que é chamado a pensar sempre positivo naquelas realidades que o assustam, e o levam a muitos sofrimentos, designados de situações-limite presentes na vida de cada um (JASPERS, 1987:21).

Diante do morrer, lutar pela vida e sofrer, o homem questiona-se repetidamente: que devo fazer para sair desta situação? A resposta é aquela que sempre temos visto com qualquer um de nós, ao passar pelas situações acima mencionadas, onde nos limitamos a olhar e chamar a Transcendência como solução. Sabemos que as situações similares não têm oferecido o meio para as transpor, além de as aceitar e deixar que tenham lugar porque elas não se explicam.

Diziam os estoicos que o refúgio perante os vários conflitos é a independência do pensamento, que se designa uma liberdade e a melhor solução para todos os problemas. Mas isto, por sua vez, é um erro, porque o homem é importante e, diante desta importância, deve aceitar algumas realidades mesmo ao seu contra senso. A independência do pensamento não passa de um vazio que pode guiar o homem a um conformismo. Ater-se às ideias dos estoicos é o mesmo que preparar uma ilha e passar a viver nela, mas uma vez e outra teremos necessidade de sair para a outra margem do continente (JASPERS, 1987:22).

As situações-limite são as que condicionam o homem a viver uma autêntica solidão porque a morte, por exemplo, leva este homem a uma realidade desconhecida que passa a ser preocupação dentro de si mesmo, preocupação fruto de um vazio sem sentido mas que existe. Ademais, levam o homem a um vazio total, a tornar-se sensível, mesmo que o mundo seja efêmero. O desespero é um sinal que nos aponta para o Além. Agora que fazer? Sigamos o sinal da situação limite porque é uma garantia objetiva da verdadeira realidade da redenção, que equivale ao filosofar, que é um triunfo sobre o mundo, ou o chamado análogo da redenção. Por trás de tudo, o homem rende-se e descobre que existe sempre uma verdade por ser conhecida (JASPERS, 1987:23).

O existir humano implica a presença das situações- limite e a única saída que se tem é deixar-se guiar por elas, como um render de energias ao que já não se pode mais ou ao que triunfou na vida do homem. A filosofia tem caminhado, assim, no clima de redenção para aqueles momentos em que a preocupação não tem sido de dar respostas, mas sim deixar o homem pensativo. Aqui o

homem vai criando meios de se comunicar.

Abbagnano *apud* Jaspers (1993) diz estar diante de uma situação limite significa:

“Não poder não” sofrer, não poder lutar mais pela vida, não poder não viver na dor, não poder não pecar, não poder não morrer. É com a morte que Jaspers considera a situação limite maior que qualquer outra, enquadrando-a em duas vertentes: situação limite geral e situação limite individual. Assim sendo, passa a ser uma situação limite geral no mundo ou seja, tudo o que é real no mundo é mortal sem exceção e, ao mesmo tempo situação específica do homem, onde o atormenta e corrói o seu íntimo logo que dela toma consciência (ABBAGNANO, 1993:235).

O que torna uma situação ser limite é o salto que se deve dar, um salto quase impossível, no qual o homem é convidado a ter que se submeter ao que pode advir. Um salto qualitativo que vai dar força a um confronto rumo à realização do sentido mais profundo da liberdade existencial do indivíduo. Aqui o homem está perante uma conquista de liberdade como homem e projeta-na na sua existência, ganhando conteúdo num determinado tempo histórico, já que o próprio homem vive em sucessivas rotinas de que nem se tem dado conta, além da justificativa que poderá dar como busca do bem para si.

3.3 Fracasso e existência na transcendência

Falar de fracasso é o mesmo que falar de uma total e derradeira situação em que o ser humano é chamado a viver e sem ter como evitá-la. Como característica deste, o homem é levado a não confundir o que está vivendo, o chamado *Desain*, mas sim a ter que superar o mundo das hipóteses ou as chamadas experiência, o que significa caminhar para a transcendência.

Segundo Jaspers, o fracasso encontra-se em toda a parte, uma vez que leva o homem a perder o estado de vida em que se encontra, o que podemos traduzir como morte. O fracasso é como

que uma lei universal, onde o ser manifesta a sua ou o seu estado de imperfeição, já que é matéria inacabada, que ainda precisa de algo para a sua formação completa. Assim sendo, é imprescindível que o homem viva sem o outro, o que significa que o “eu” só tem lugar para a sua realização com o “tu” (JASPERS, 1965:230).

O fracasso é fruto da liberdade vivida de uma forma antagônica, isto é, uma liberdade oposta à realidade em que se devia viver. Neste caso, é a liberdade que luta com aquilo que devia ser na natureza e faz com que o *Dasein* deixe de existir, ocupando o lugar da própria existência. Isto cria no ser uma auto destruição daquilo que deveria ser a vivência do mesmo, dando lugar ao fracasso, um sentimento de culpa por julgar-se inacabado.

O único meio de que o ser se serve para isto é a aceitação da realidade presente, como caminho ideal, o que significa a presença da transcendência no coração deste ser. Muitas das vezes se pode perguntar porque lutamos em busca de uma solução. Já falando de situação limite, descobrimos que é uma luta que consiste na autodeterminação, que é a forma de garantir a vida por meio de muita criatividade, o que significa que, enquanto o ser fracassa, é sinal de ter buscado apoios fracos para a garantia da vida (JASPERS, 1965:231).

O fracasso põe fim às ligações com o mundo todo, em particular com as que nos orientam a saber viver, onde entramos numa dinâmica de vida e saímos devido a várias situações, mas que tudo é uma falsidade, segundo Karl Jaspers. Diríamos que experimentar o fracasso é tomar consciência da ausência de um apoio, isto é, passarmos a um conformismo total como recurso ideal para aquele exato momento, que consiste numa aceitação da realidade que se circunscreve.

3.4 Lugar da existência na transcendência

Falar do lugar da existência na transcendência significa asseverar que a existência toca a transcendência ou por outra,

que está perante a transcendência numa relação de cooperação e participação de ambas onde, a existência tem em mente a transcendência segundo as situações- limite acima mencionadas. Em si a transcendência tem lugar na existência e mais se identifica com as situações- limite.

A ligação com as situações-limite impõe às nossas relações com a transcendência um carácter radicalmente contraditório. A essência das situações- limite consiste em fazer brotar toda a obscuridade e a negatividade desesperadoras da condição humana porque, mesmo onde há revolta, a transcendência existe. Indubitavelmente a transcendência está presente na existência com uma leitura vivida no ser experimental e na liberdade (GILES, 1975:204-205).

Este autor quer dizer-nos que a transcendência baseia-se mais na existência perante situações de obscuridade e tensão na vida do ser, uma vez esta não ter outro horizonte além daquilo que as situações nela existente condicionarem o caminho a ser tomado na vida. Só assim é que o ser mais vive a sua existência com uma perspectiva transcendental. São as possibilidades de existir que convidam o ser, independentemente se elas são boas ou más na medida em que as mesmas são um fracasso e põem- no em grandes desafios, em que ele nada pode além de colocar as suas expectativas na transcendência. É naquelas situações que o ser sente abandono de si próprio e procura refugiar-se na transcendência, anulando na totalidade a liberdade deste ser.

Todavia, a existência tem por fundamento a transcendência, pois, na ordem empírica, sou aquele que quer ser total, mas é só na transcendência que poderia ser total cujo exemplo se encontra na morte com a rutura da vida como sentido total da minha, tua e da vida de cada ser humano (GILES, 1975:207).

A existência encontra a sua razão de ser na transcendência, uma vez que o existente vive como é, mas encontra a sua totalidade na transcendência, que é a resposta daquilo que a experiência não consegue dispor como resultado. Jaspers afirma que há uma

existência que luta pela sua permanência numa visão própria, mas sempre em vista à eternidade.

Giles *apud* Jaspers (1975) diz: “a existência relaciona-se com a transcendência numa dimensão tríplice de unidade: incondicionalidade, autenticidade e veracidade. É um assumir a privação da vida, participação do indivíduo num equilíbrio de ação ou de ideias e por último a decisão como opção feita” (GILES, 1975:211).

Todo o ser é chamado a uma unidade de ideias porque a indecisão leva à incoerência. É diante desta tripla dimensão que a existência cria relação com a transcendência, de igual forma que pertencemos a um planeta, na medida em que o planeta nos é útil e nós procuramos reconhecer a sua utilidade. Há uma ação de reciprocidade do ser para com a transcendência.

3.5 Situação do ser no mundo e na existência segundo Jaspers

Falar do ser para Jaspers significa questionar-se sobre a necessidade de transformar o objeto cognoscível ao sujeito, o que significa um ser já determinado entre vários, isto porque, na medida em que pensamos neste, pensamos em algo já experimentado, o que significa descobrir ter absolutizado um determinado ser, num universo da totalidade do próprio ser em si mesmo. Todo o ser que dissemos conhecer, não o conhecemos em si mesmo porque não alcançamos o chamado ponto limite da observação, onde não teremos o motivo para pensar numa outra observação, sem qualquer horizonte e sem nada mais (JASPERS, 1973:21).

A existência está sempre ligada com o ser ou a uma situação concreta que a caracteriza de uma forma específica. Quem fala da existência evoca a busca do ser presente numa realidade histórica, que se identifica com um elemento num mundo. Por isso, o mundo é o lugar privilegiado, mas carece de um conhecimento.

O elemento do qual estamos falando encaminha-nos a

uma reflexão da própria natureza, o que implica colocar a seguinte questão: o que é ser em si mesmo? Uma fácil resposta é ir na direção de uma realidade abrangente, o que não significa horizonte do nosso conhecimento, mas sim fonte pela qual jorra todos os novos horizontes, sem que se mostre nunca como visível, mesmo como um horizonte. A realidade abrangente anuncia-se em algo presente e no âmbito dos horizontes, mas sem se tornar objeto (Ibidem, p.22).

Assim sendo, o ser vive num ambiente de possibilidades que carece de elucidação. Chamado a adquirir uma linguagem própria de modo a decifrar tudo quanto está em volta de si porque, só assim, saberá formular as questões básicas da realidade no seu todo. Finalmente a ter uma ação ativa, o que justifica a presença num mundo de possibilidades.

Deste modo, a investigação do ser é uma orientação no mundo, que só se pode realizar dentro do mundo. Querer sair dele é correr o risco de andar no vazio. É uma investigação que não tem fim, que passa de uma coisa a outra, de um termo a outro até ao infinito, mas que não encontra nem pode encontrar algo no mundo. Jaspers considera ser como orientação no mundo porque permanece num processo infinito. Assim sendo, ela faz-se como saber relativo a um ser. Qualquer um que quiser captar o ser enquanto ser, está irremediavelmente destinado ao naufrágio (JASPERS, 1973:28).

Não existe outro lugar capaz de o ser se realizar além do mundo. Por isso, sendo um ser de possibilidades, tem o mundo por lugar de realização de tais possibilidades. Nele permanece em buscas sem fim porque se trata de um processo infinito.

Ao ser autêntico, Jaspers chama-o de todo abrangente, o que significa aquilo que continuamente nos é anunciado, mas que nunca se anuncia dando-se ele próprio, acabado ou fonte de toda coisa do outro ser. Com efeito, homem algum se sente plenamente realizado, mas ao contrário, todas as totalidades são aparentes, mínimas, devendo ser ultrapassadas em extensões sempre novas

(Ibidem, p. 29).

Mesmo que se considere ser autêntico, segundo Jaspers, o mesmo nunca é no seu todo uma fonte acabada porque vive em busca permanente; tais buscas nunca se cumprem na totalidade. É por isso que o ser humano arrasta continuamente as suas buscas dia-a-dia numa dimensão de infinidade.

A escolha do ser nunca é um comprar, separar, selecionar, mas é sempre e unicamente o reconhecimento e aceitação daquela única possibilidade implícita na situação que constitui de facto o meu eu. Cada um entra numa história ao se identificar com uma realidade, mas há que admitir a entrada ou recorrer a situações de possibilidades novas apresentadas pela vida, o que Jaspers considera uma traição a nós mesmos, porque somos uma situação e essa é a realidade que não se pode transcender (Ibidem, p.35).

Aqui se ressalta a situação ligada à realidade do ser vivida por si e dada a conhecer por meio de cada situação que ele atravessa perante as possibilidades que lhe são impostas no mundo onde habita e que, sem tais realidades não pode mais e nunca saberá buscar o transcendente.

3.6 O ser e ter segundo Marcel

Gabriel Marcel, na sua obra *Ser e Ter*, diz: “sempre que perguntamos pelo ser humano, pelo ser, que eu sou, deparamos com outra parte de conceitos tais como ser e ter, como reflexões acerca da unidade corpo e alma que o levam a distinguir o ser e o ter. Isto reduz-se à distinção do que se tem e o que se é.” (MARCEL, 1935b:233).

Na citação está presente o discurso em torno do “ser” e “ter” mesmo tratando-se de um discurso que leva consigo uma dose de ambiguidade tendo em conta a divisão entre o “ser” e “ter”, levando ao próprio ser a ter de se espelhar no seu próprio corpo, uma vez que é seu corpo que carece de uma explicação porque eu vejo-o diferentemente de como o outro vê.

Apesar de tudo, afirma Marcel que o “ter” pertence a uma ordem na qual oposição e tensão interior e exterior têm sentido. O “ter” expressa todo o seu vigor quando é um eu tenho, por exemplo, um objeto, um instrumento. O “ter” um objeto permite toda uma escala de formas e, posso tê-lo por acaso ou exteriormente (MARCEL, 1935b:235).

Falar de “ter” significa manifestar a total consciência da posse de tudo quanto se pode dispor que é noção da realidade da coisa. Porque como alguém pode dizer meu corpo uma vez que o corpo é dele e o mesmo está na sua posse. Chama o sujeito a olhar numa dimensão unitária porque caso contrário vai transformar-se num mero instrumento e, aos poucos ficará longe do mesmo como um simples objeto que passará da sua posse. Há uma espécie de ambiguidade no conhecimento e relacionamento com certos objetos que podem estar ao nosso alcance.

O “ter” permanece o *qui* e *quid*³. É uma dualidade que tende a manter-se e, de um lado a transcender-se a si mesma. Tal ameaça consiste no ser tomado pelo outro onde, o outro pode ser o mundo. Se algo me aflige, procuro distanciar-me dela e, de um lado, procuro a união. Nesta perspetiva o ter não caminha para a destruição, mas sim para se sublimar pela identificação (ZILLES, 1998:52).

O “ter” é a concessão de posse como se afirmou anteriormente, mas numa linha de assimilação. Sabe-se que a posse é fruto de uma relação sujeito e objeto, mas também ocorre a nível do próprio ser. Não se trata de uma relação externa, pois leva o interior a uma presença ativa. O ser e ter é uma forma legítima de descobrir no mundo algo que possa entrar em relação consigo e que deve ser observado com maior rigor, de modo a não cair em desastres.

Ter é dispor e, ao mesmo tempo, exercer um certo poder sobre o que se tem. O dispor e poder do que se tem depende da própria mediação do sujeito da ação. A união íntima resulta em todas as possibilidades de ter, cujo fundamento é sempre uma

3 Modo como se pode ser e a forma de ser referente ao sujeito em ação.

participação imediato (ZILLES, 1998:53).

Conclui-se dizendo que, deve respeitar-se a relação entre o “ter e ser” com o próprio corpo porque o corpo nunca deve ser visto como mero mediador das ações. Também porque a sua unidade é como falar do ser que expressa uma relação entre o “eu” e “tu”. É a vida que a filosofia leva de poder trazer à sociedade o sentido daquilo que torna o ser humano como ele é, com estruturas próprias e com uma certa estrutura de pensamento.

3.7 Porquê a existência humana está para além da história

O ser humano sempre tende para o além da própria existência; segundo Jaspers, não é o que em si é, mas aquilo que se resolve numa dimensão de movimento de auto determinação; é aquilo que se torna com o andar do tempo, por isso nada é permanente. Tudo flui com o percurso histórico da sua existência, chamando-o a ser arquiteto de si mesmo. Por isso, este vir a ser, muitas vezes, transcende o que ele é como forma de se tornar existente numa aventura em que ele mesmo participa, modificando as suas propriedades. Existe uma história que marca o ser humano existente, uma vez que não é um existir constante nem inteiramente há sempre neste surto criador inércia no ser (MOUNIER, 1963:61).

É uma posição que o ser ocupa numa dimensão que supera o que é, por isso vai além da sua história como lugar por onde se desdobra, procurando auto afirmar-se. Este percurso todo realiza-se num contexto de vários movimentos de vai e vem consigo mesmo e com a natureza que o rodeia, em busca do autodeterminismo próprio como resposta da sua existência. O ser participa numa luta de vários fatores que o formam buscando justificar a sua presença como ser por meio de um dinamismo histórico.

Sartre, falando de tal movimento, afirmava tratar-se de um movimento a ser tornado numa impotência; trata-se de um existente bruto, a existência na qual tem, de contingente e absurdo, o ser em si, que tem uma espécie de plenitude. O ser em si é

animalmente o que é, sem distância em relação a si mesmo; maciço, sem segredo, como demasiado cheio e perante o mundo demasiado supérfluo (Idem, p.62). Para ele, a existência que é um movimento exercido sem qualquer potência, mas aceite consoante a realidade da dimensão histórica em que acontece, como um ser aí, sem explicação devida, mas sempre aberto a movimentos subsequentes.

Hannah Arendt, na sua obra *A condição humana*, sustém que a base da compreensão do movimento exercido pelo homem é o próprio *Dasein*, cuja característica principal é a *atomização*⁴ do indivíduo, já que a vida do “eu e tu” não se constitui com muita facilidade no seio dos homens (ARENDDT, 2001:15).

Esta autora percebeu que atualmente o conceito do outro deixou de existir além de uma luta operante caracterizada pelo individualismo e transformação do homem como simples instrumento para a satisfação de interesses pessoais. Ademais, o mesmo homem, em tudo que faz somente pensa em si e não na comunidade onde vive. Percebe-se que o chamado homem futuro produzido cientificamente está motivado para destruir a sua própria existência de igual forma que a recebeu (ARENDDT, 2001:234).

O homem atual está submerso num autêntico vazio existencial onde, sacia os seus intentos pela busca desenfreada dos bens pessoais e satisfação dos prazeres sem se quer olhar em sua volta ou quem o rodeia de modo a participar assim como partilhar a experiência da vida. O pensar em si só, transformou-se num pequeno “deus” por onde o homem adora e, dele se inspira para silenciar o outrem, trocando tudo em seu favor e sem comunicabilidade.

Transformou a sua vida numa autêntica filosofia cética radical (niilismo) para com a realidade que, o leva a propor uma nova história cultural caracterizada pelo capitalismo planetário, indústrias culturais, consumismo, mediatização e generalização das redes digitais. Tudo tende ao mundo mercantil, mediático e

4 Enfraquecimento das forças de vínculo motivado pela busca voltada para o individual; é uma atitude que despersonaliza com fins ilusórios, perdendo a verdadeira intencionalidade da coletividade, o que encaminha a generalização de ações incapazes de compreender o sistema coletivo.

da moda marcando assim um estatuto de democracias modernas que afirmam valores de igualdade, liberdade e laicidade e dando novo sentido a sua própria autonomia. Há uma imposição quase de tudo devido a hipermodernidade caracterizada pela competição e dinâmica individualista (LIPOVETSKY, 2018:23-24).

É uma indicação da desestruturação do próprio homem devido as novas visões que o mesmo coloca para si, causadas pelo fluxo do mercado e da própria posse acabando por se afastar dos outros e conseqüentemente de si próprio tornando o mundo incompreensível e sem sentido. Desvaloriza a humildade substituindo pela paixão e egocentrismo em vista ao seu próprio bem-estar desde que, consiga matar a sede da posse e pôr em destaque o prazer como um bem supremo da sua vida que acaba por lhe favorecer o já e, o agora como meta por alcançar.

Se é chamado a viver numa dimensão histórica, comprometido para consigo mesmo, deveria ser ele herói da própria história, isto é, fazendo com que haja conhecimento da sua presença através de ações concretas, porque isto nos levará a sabermos quem ele é por meio da própria história. São características que ele não precisa de ter mas que o tempo da sua própria história irá oferecer (ARENDDT, 2001:236)⁵.

Jaspers, citado por Mounier, diz: “o tempo do ser é plenitude, por isso a existência faz parte de uma conquista feita por meio de movimento de fluxo e refluxo, de derrota e de vitórias. Uma conquista marcada por um desafio. Por isso que a vida de um existente tem sempre uma dimensão espiritual de perpétuas tempestades de antinomias, cujos termos tão depressa entram em conflito uns com os outros, como se separassem até à rutura” (MOUNIER, 1963:65).

Nesta ordem de ideias, percebe-se que o tempo é fundamental para que o ser atinja a sua plenitude, fruto de conquistas vividas

5 O homem é chamado a aprender da história própria e a ir mais além da estreiteza da própria vida presente, mas sempre discernindo o que são os padrões que o cercam tendo em conta a sua responsabilidade como destino a que pertence e sua missão numa esfera de criar um elo entre ele e a humanidade.

numa dimensão espiritual marcada de incertezas que revelam os desafios que o mesmo é chamado a enfrentar para chegar ao seu próprio reconhecimento.

O existente vive sempre questionando-se como forma de procurar a promessa de universalidade e não verdade impessoal e indiferente para todos. É um típico e apropriado modo de ser e agir usado por Jaspers, uma vez que a sua luta consiste em libertar-se como busca de compreensão e de uma educação elucidativa. O existente não se ilude com as ideias, convenções, mas deixa-se guiar pelo movimento dialético, com um pensamento implícito para um pensamento reflexivo (JASPERS, 1973:24). Isto revela-nos as incógnitas pelas quais o ser passa, de modo a chegar a uma ideia clara da sua existência porque é chamado a não se deixar iludir por ideias não claras mas que espelham um conhecimento capaz.

Relativamente a Marcel, que reconhece que os existentes no mundo dependem de si mesmos, numa perspetiva envolvida de preocupações totalitárias e dominantes de um pensamento sistemático, marcada com uma preocupação da vida ou pela própria autenticidade. O ser só pode ser descrito pela sua exterioridade porque não pode mais do que isso. É visto como ressonância particularíssima; como projeção de uma luz vista como objeto, cuja claridade não é suscetível de demonstração nem de inteligibilidade explicativa (Idem, p. 35).

É o existente chamado a observar o tempo na história não como uma conceção da grandeza como existente, mas sim uma busca de um despertar da responsabilidade. A história para um existente faz parte do objeto do seu juízo. Por isso, deve decidir o rumo a tomar e o que não deve seguir. Esta é a grande exigência que o existente é chamado a assumir como meio de levar adiante a própria existência sempre iluminada por um passado.

A história, sendo “a totalidade dos modos de ser, e das criações humanas no mundo, ou a totalidade da vida espiritual, ou das culturas” (FONTES, 2007:503), permite ao existente olhar além da estreiteza fugaz presente porque, sem ela, a existência fica

sem sentido. Por isso, a existência humana está além da história porque em si, o existente fica sob comando da história, de modo a saber o rumo de si próprio. Está além da história porque se sente desafiado a fazer um percurso, de modo a encontrar o que une sua própria vida e a dos homens que o rodeiam.

De todas as vezes que o existente chega a si próprio e olha a realidade dos objetos, sai da prisão histórica e procura, por meio da sua própria ação e vivência alcançar o que ainda não conseguiu. Nunca deverá sair da história porque, se assim o fizer, cairá no nada. Uma existência fora da história não passa de um absurdo que conduz a um total naufrágio. É na história em que o ser existente busca uma linguagem que se escuta diretamente o que vem ao seu encontro e que existe no fundo do coração do qual ele mesmo procede. A existência humana está além da história porque o homem rompe as barreiras que o cercam em busca de uma nova experiência que o ajuda a experimentar o eterno presente que ultrapassa o tempo.



Capítulo 4

ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE KARL JASPERS E GABRIEL MARCEL

O século XX assim como XXI são marcados por uma linha de descontinuidade histórica fruto da incoerência com o pensamento do ser humano. Jaspers, assim como Marcel, fundamentam ideias da existência como uma transcendência, partindo de dados convergentes e divergentes. No presente capítulo aspiramos aduzir de uma forma sucinta o pensamento de Jaspers e Marcel, começando pelas convergências e divergências que são característicos no que tange ao fenômeno da existência, relação da existência segundo os mesmos autores e em comparação com a do homem atual, e, por último, faremos a descrição dos méritos assim como deméritos de cada autor.

4.1 Convergências entre Jaspers e Marcel

Jaspers compreende a existência como sendo um construir de uma filosofia distante de dogmas; reconhece a existência de um Deus absoluto, transcendente e dependente do mundo empírico; é o lugar onde o ser humano se questiona acerca do seu sentido de ser.

Diz Jaspers que nós não existimos simplesmente; antes, nossa existência é confiada a nós como a arena e o corpo para a realização da nossa origem. É um campo sem limites de possibilidade de irmos a ser uma possibilidade fundamental no contexto da existência (JASPERS, 1973:4). Para Jaspers, a existência compreende-se tendo em conta o ser, a verdade e a realidade do mesmo porque, do primeiro que é o ser, surge a experiência pessoal onde se afirma que tudo deseja ser algo que se compreenda, fruto de uma determinação entre várias perspectivas e seu modo de ser.

O homem vive sempre segundo um conhecimento e cada dia, procura ir mais além do que já conseguiu conhecer, como um exame mais claro e profundo, mas não chega a uma percepção seleta do ser absoluto (JASPERS, 1973:21).

Marcel vai ao encontro do pensamento de Jaspers fazendo um estudo profundo do que o ser é na sua encarnação. Também como Jaspers, critica a possível construção de um estudo do ser da existência, alegando que a existência, não sendo um objeto, escapa à conceitualização. Para os dois nada de abstrato pode alcançar o real. O fundamental é estudar o que une as pessoas ou a comunhão destas de uma forma livre. Marcel junta-se a Jaspers pela superação ao idealismo e racionalismo (ZILLES, 1988:25).

As várias ideias podem construir uma verdade por isso que, Marcel e Jaspers vão além do idealismo, pondo em destaque a razão subjetiva válida para qualquer ser humano independentemente do lugar em que este se encontra. É das ideias em que se constrói uma realidade baseada na razão. Além do já dito, Marcel, assim como Jaspers, procuram conciliar um método para o conhecimento dos existentes com a exigência de um conhecimento contínuo, distinguindo entre mistério e problema, partindo da descrição de um ser quase inteiramente objetivado, alienado da sua existência (MOUNIER, 1963:37).

4.2 Divergências entre Jaspers e Marcel

Uma das maiores divergências que existem entre Jaspers e Marcel é o lugar que o corpo ocupa na corporeidade. Para Marcel, a corporeidade pertence à ordem do Ser, atuando como o primeiro modo do homem, um objeto entre objetos, um corpo-sujeito que existe e que serve de intermédio para o absoluto contido em cada porção de vida humana. Jaspers diz que o corpo se distingue, defendendo a particularidade irrepetível do mistério do ser contra todo o racionalismo que reduz a existência a uma experiência já conhecida, e baseada num método por via da verificação empírica.

O sujeito une-se ao seu corpo mas também se distingue dele sem dele se separar. (ZILLES, 1988:26).

Há um indicativo claro neste pensamento de Jaspers daquilo que, o corpo tem como espaço, que é espaço comum por onde move-se para a transcendência, ao passo que Marcel limita-se a uma posição de ordenamento do próprio ser, como motor que guia e tudo intermedeia. Marcel vê o corpo como um recetáculo do sujeito vivente nele, que encerra o mistério do homem.

Marcel faz uma crítica radical a um saber objetivo. Por esse motivo, a sua filosofia é tão problemática. O ser do homem merece uma análise porque, juntamente com o corpo, é constituído por matéria invisível. Isto vai permitir ao homem descobrir o sentido da vida (MARCEL, 1935a:39-41).

Relativamente a Marcel, nenhum pensamento deve ser objetivo porque, se assim fosse, nada mereceria análise. Ainda mais, ele diverge de Jaspers porque vê a existência ou a consciência de existir vinculada a um corpo como encarnado; eis porque chega a afirmar: “sou eu” com o meu corpo, como sendo um sujeito de unidade vital que não pode estar separado do corpo. É um ser que se revela no homem encarnado que transcende o seu corpo. Tudo o que existe tem as suas características, isto é, limite e transitoriedade. A morte é um limite para a existência e provação máxima para o desespero (TREANOR, 2016:5.2).

4.3 Relação da existência entre Karl Jaspers e Gabriel Marcel com a do homem actual

Os dois filósofos (Jaspers e Marcel) têm pontos comuns que falam da existência, mas também pontos que divergem. Isto levamos a entender que, de verdade, a existência está além daquilo que o homem pensa. Marcel assegura-se mais na ideia da corporeidade que não deve ser separada do ser, uma vez que esta funciona para dar sentido ao próprio ser. O corpo e o ser assumem uma unidade inseparável porque este se revela num homem encarnado.

Jaspers, além da visão marceliana, focaliza o aspecto do próprio ser que dá sentido à existência, cuja razão ele está longe de conhecer por si como verdade absoluta; mas ela não existe sem a existência, assim como a existência sem a razão. Mais ainda descobrimos que Jaspers coloca a linguagem e a palavra como fonte para a superação da dicotomia clássica do sujeito e objeto. Em qualquer situação que o homem se encontre, saberá dar resposta ao que pode advir.

Também percebemos que a existência é sempre em relação e, chamados a reconhecer, em primeiro lugar, a nossa existência para depois reconhecermos o outro como presença do objeto, uma vez que não há sujeito sem objeto e vice-versa.

O homem atual, no seu dia-a-dia, tem procurado fazer o seu percurso, sempre em relação com o próximo e com o Além, uma vez que se tratar de um ser encarnado. Devido à insatisfação vivida, ele tende sempre a buscar mais ideias como forma de conseguir o que jamais consegue, acabando por entrar num círculo histórico da sua própria experiência idêntica à que os dois autores nos revelam.

4.4 Méritos e deméritos do pensamento de Karl Jaspers e Gabriel Marcel

Karl Jaspers é um autor que valoriza mais a ciência, no sentido em que ela é pragmática ou prática, que no seu entender pode ajudar o homem a superar as dificuldades do dia-a-dia. É verdade que, olhando a obra psicopatologia, ele critica mais a excessiva objetividade dos psiquiatras franceses que só se preocupam com a teoria, deixando a prática de lado; por isso, passavam muito tempo fazendo pesquisas ao invés de trazer os valores reais das pesquisas que serviriam de base fundamental para o homem.

Conforme afirmava Jaspers, a ciência está cheia de metodologia e esta, por sua vez, leva ao pesquisador a ter de aceitar as críticas que lhe possam advir, porque são um caminho para saber mais. A ciência não guia a vida devido à clareza, mas leva-nos sim

a uma vida marcada por justificações. Reconhece a objetividade da ciência, mas não dissolve os problemas, passando a rejeitar o que é mais importante para a vida deste homem (JASPERS *apud* REALE, 2005:598-599).

Do seu pensamento, entendemos que o mundo da pesquisa deve orientar o ser humano para a busca de solução, já que é uma necessidade, e não continuar enquanto os problemas aumentam. O homem deve procurar viver o seu dia-a-dia pretendendo sempre encontrar solução dos seus problemas, onde a vida entrará em unanimidade com pensamento.

É por isso que Jaspers defende o método compreensivo como uma descrição até do que se pode considerar subjetivo, mas é também parte da vida do homem. Ademais, compreende o ser numa dimensão de unanimidade estrutural em si mesma, onde este se abre em várias visões para a busca da sua essência, o que se liga a uma linha da transcendência (Idem, p.599).

Como demérito, Jaspers limita-se ao método fenomenológico, olhando para o que é visível e sem ter em conta o invisível, ou aquilo que os sentidos captam. Isto conduz Karl Jaspers a uma filosofia pragmática. É este pragmatismo que torna o pensamento jasperiano deficiente porque, no nosso entender, é perigoso pensar numa prática sem teoria, o que espelha o método fenomenológico. É necessário partirmos da teoria para uma prática, isto porque mesmo as questões práticas necessitam de um conhecimento teórico que, na nossa maneira de ver, não só facilitará a realização do que se pretende, mas será igualmente uma realização já delimitada. Prioriza mais a metafísica e o individual.

Relativamente a Gabriel Marcel, o caminho a ser percorrido tendo em vista entender a realidade humana não é o outro, mas sim a consideração das ligações pessoais humanas, nas quais o outro aparece como um “tu”. Tais relações edificam e ensinam, num sentido profundo, a efetivar a própria liberdade. Assim sendo, a fidelidade e esperança estão no centro, de modo a que o “tu” seja objetivado, convertido num ele. No fundo de tudo, encontramos um

“tu” absoluto, que não se deixa captar como objeto (MARTINEZ, 1983:154).

Com esta ideia, quer revelar-nos que é importante que se edifiquem sempre as relações pessoais porque, pelas mesmas, se descobrirá o sentido da presença e da relação com, como meio da busca de uma vida feliz, alicerçada na compreensão pessoal e do outro que nos rodeia e que este último nunca será visto como um estranho na nossa convivência.

Como demérito, Gabriel Marcel prioriza mais o ser. Apesar de se definir Neo- socrático, escapa do senso comum da filosofia, a sua leitura de Sócrates (só sei que nada sei), visto como ironia por vários filósofos. Seu olhar recai no só sei que nada sei, na medida em que, nos apresenta o ser envolto no mistério (GOMES, 2007:12-14).

Ademais, segundo Marcel o filósofo é chamado a pensar numa relação com os outros e em relação à humanidade. Assim sendo, deve reconhecer que todo o homem leva consigo uma luz capaz de testemunhar em favor dos outros criando sempre condições para que possa viver sem descurar do concreto, propondo-lhes uma reflexão flexível e eficaz no que tem a ver com o respeito ao sujeito responsável. Finalmente tem por obrigação pronunciar-se duma forma clara reconhecendo os limites que cada homem leva consigo (O`CALLAGHAN, 2009:9b).



CONCLUSÃO

Da leitura feita concluímos que, Karl Jaspers como Gabriel Marcel nos ajudam a compreender o papel e a experiência de pensar o mundo, com o mundo e para os que se encontram em sua volta. A filosofia dos dois pensadores é um caminho para uma nova página de vida que ensina ao homem atual a superar a sua história de vida por meio da liberdade ligada à razão, os quais têm sido realidades estranhas no nosso tempo.

Os dois autores em estudo ajudar-nos-iam a superar a história usando a comunicação, como forma e modo de viver, e de estar no mundo numa dimensão com o outro, quebrando a ideia do individualismo que tem sido a característica do mundo contemporâneo porque, aos poucos, vamos percebendo que o homem de hoje está voltado para si e olha o outro como simples objeto e não como sujeito capaz de interagir com os mesmos propósitos, na tentativa de iluminar a sua existência. Jaspers e Marcel ensinariam a lutar pela sã convivência humana, saindo de uma existência separada dos outros para realizar a experiência do pensamento, porque existir é uma forma de liberdade humana da qual há repulsa de concepção de si mesmo como simples resultado.

Sendo o homem uma existência possível, só alcança a realidade a partir do momento em que usa da liberdade na sua espontaneidade e entra em sintonia, de forma livre, com outrem. Então, os dois autores despertam a consciência de que o existente deve lançar-se num mundo de ações, o que significa olhar e viver na história própria, permitindo a comunicabilidade diferentemente do ser que só está aí. Por isso, a existência e comunicação conjugam-se, uma vez que a ação do existente não trata de uma atividade voltada somente ao “eu”, mas de uma atividade que acontece na relação de comunicação com os outros.

Karl Jaspers e Gabriel Marcel levam-nos a uma percepção de que a vida humana tem sentido quando a vivemos conscientemente

e que a mesma se faz dia após dia, em relação com o transcendente como busca dos projetos que Ele tem para conosco. Tudo carece de uma compreensão pessoal, já que os dois nos apontam os símbolos como manifestações do ser autêntico a ser buscado.

Os dois filósofos têm entre si pontos comuns que falam sobre a existência, mas também pontos que divergem. Isto levamos a entender que, de verdade a existência está além daquilo que o homem pensa. Marcel assegura-se mais na ideia da corporeidade que não deve ser separada do ser uma vez que, esta funciona para dar sentido ao próprio ser. O corpo e o ser assumem uma unidade inseparável porque esta se revela encarnada num homem.

Estando a existência para além da história, o homem mergulha em vários fatores dos quais acaba saindo do percurso histórico e privando da linguagem capaz de dialogar acerca do próprio futuro além de um já vivido numa realidade hedonista. O homem não pode, não ir além mas também, não pode sair do percurso histórico porque é do mesmo que busca a experiência num modo presente. Quem ignora este caminho histórico, acaba sendo surpreendido pelo mesmo porque a contemplação da história não se trata de dar resposta a um “eu” é, um esclarecimento e respeito recíproco para todo o ser existente.

Enquanto o homem for existente, despertará tendo em vista uma orientação como ser possuidor da razão, que o torna consciente da própria situação. Eis porquê Jaspers nos seus escritos, busca aclarar o que tange à existência como forma de responder às inquietações da filosofia hodierna e, ao mesmo tempo, convidar o homem a pensar filosoficamente porque é em filosofia que o homem se desdobra e vive vários movimentos, buscando o sentido das coisas que lhe vão permitir a não viver na dependência dos regimes que o rodeiam, como forma de busca da sua dignidade. Todavia, Marcel liga-se ao mesmo pensamento apoiando-se na dimensão transcendental, uma vez que o homem existe envolto de um mistério que lhe permite entrar na luta diária, subjugando-se à própria liberdade.

A existência está para além da história porque, em si o homem afadiga-se para fazer tal história como forma de se compreender; porque é o homem que está sob comando da própria história, chamado a conhecer o caminho e a segui-lo; porque deve romper as barreiras que o cercam em busca de uma nova experiência para experimentar o eterno presente que ultrapassa o tempo. Quer Jaspers, quer Marcel, demonstram nos seus escritos a incapacidade de o ser se poder compreender além de um trabalho diário, que é um marco histórico da sua existência. Esta foi a nossa compreensão do que está acontecendo com os dois autores em diálogo.

Por esta razão, fica o desafio ao homem de poder saber dar-lhe no seu dia-a-dia, como forma de se autoconstruir e, ao mesmo tempo, procurar relacionar-se com o próximo e com o Além uma vez que se trata de um ser encarnado. A existência humana está para além da história do homem porque o mesmo, sentindo-se insatisfeito, tende a buscar mais ideias para a sua satisfação. Nesta linha de busca, porém, é chamado de forma livre e consciente, relacionando-se com o próximo como forma de viver a comunhão necessária na relação entre dois sujeitos. Esta é a história da experiência vivida pelo homem.



BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. *História da Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, 1978^a.
- ABBAGNANO, N. *História de Filosofia*. São Paulo: edição revista e ampliada, 2007.
- ABBAGNANO, N. *História de Filosofia*. Volume II. Lisboa: Editorial Presença, 1993c.
- ABBAGNANO, N. *Introdução ao Existencialismo*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962b.
- ARENDT, H. *A condição Humana*. Lisboa: Relógio D' Água, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA, Lisboa- Fátima. Difusora Bíblica, 2008.
- BUBER, M. *Eu e Tu* – Trad: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Editora Moraes, 2. edição revista, 1974.
- CARVALHO, J. Maurício. *Filosofia e Psicologia: o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2006.
- FERRATER, J. *Dicionário de Filosofia, tomo II*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FONTES, M. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: 5^a edição revista e ampliada, 2007.
- GILES, T. R. *História do existencialismo e da Fenomenologia Volume I*. São Paulo: Edusp, 1975.
- GILES, T. R. *História do existencialismo e da Fenomenologia Volume II*. São Paulo: Edusp, 1975.
- GIORDANI, M. C. *Iniciação ao existencialismo*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1976.

GOMES, P. T., Gabriel Marcel: *a filosofia da existência como Neo- socratismo*, Reflexões, Campinas, V. 32,n.92 (2007) 12-14. Disponível na internet: www.seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3052. (acessado em 10 de Dezembro de 2019).

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* – Trad: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Edições Petrópolis Vozes, 1986.

JASPERS, K. *A fé Filosófica*. Bueno Aires: Losada, 1953.

JASPERS, K. *Pequena escola do pensamento filosófico*- Trad: Paulo Osório Castro. Lisboa, Cavallo Ferro, 2016.

JASPERS, K. *Filosofia da existência* – Trad: Marco Aurélio De M. Matos. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.

JASPERS, K. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.

JASPERS, K. *A cisão do ser*- Trad: António Borges Coelho. Lisboa: Estúdios Cor, 1970.

JASPERS, K. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1965.

JOLIVET, R. *As doutrinas existencialistas vol. 8*. Porto: Tavares Martins, 1953.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio* – Trad: Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Edições 70, 2018.

Logos, *Enciclopédia luso- Brasileira de Filosofia Volume II*. Lisboa: Editorial Verbo.

MARCEL, G. *Ser y tener* – Trad: Ana María Sánchez. Madrid: Caparrós editores, S.L, 2003.

MARCEL, G. *Homo Viator*- Trad: Maria José de Torres.

Salamanca: Ediciones Sigueme S.A.U, 2005.

MARCEL, G. Obras selectas I: *El misterio del ser el dardo la sed la senal de la cruz* – Trad: Jean Marie. Madrid: Autores cristianos, 2002.

MARCEL, G. Être et avoir. Paris: Fernand Aubier Edition Montaigne, 1935b.

MARCEL, G. *Journal Metaphyique*. Paris: Librairie Gallimard, 1935a.

MARCEL, G. *L 'homme problematique*. Paris: Aubier Edition Montaigne, 1955.

MARCEL, G. *Le mystère de l'être Vol II*. Paris: Aubier Edition Montaigne, 1951.

MARTINS, D. *Existencialismo*. Braga: Gráfica da Livraria Cruz, 1955.

MARTINS, M. T. C. *História de Filosofia Contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1983.

MOUNIER, E. *Introdução ao existencialismo*. Lisboa: Morais Editora, 1963.

MOROR, J. *Dicionário de Filosofia 2*. Madrid: Alianza Editorial, 4. edição, 1982.

NOGALES, J. L. S. *Filosofia y Fenomenologia de la religión*. Salamanca: Edição Secretariado Trinitário, 2003.

O'CALLAGHAN, Pal. *Enciclopédia filosófica online*. 2009. URL= www.philosophica.info/archivo/2009/voces/marcel/Marcel.html. [Online] Disponível na internet (acessado em 17 de Junho de 2019).

O'CALLAGHAN, Pal. "ISSN 2035- 8326." *Enciclopédia filosófica online*. 2009. URL= www.philosophica.info/archivo/2009/voces/jaspers/Jaspers.html. [Online] Disponível na internet (acessado em 21 de Junho de 2019).

STEGMULLER, Wolfgang. *A Filosofia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012.

TREANOR, Brian and Sweetman, Brendan, “Gabriel (- Honoré) Marcel”, The Stanford Encyclopedia of philosophy (Winter 2016 edition), Edward N. Zalta (ed.), URL=. <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/marcel/>. [Online] Disponível na internet. (acessado em 10 de Setembro de 2019).

ZILLES, U. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

SOBRE O AUTOR

Ananias Norberto Chivavel



Nasceu a 7 de Janeiro de 1979, em Funhalouro - Inhambane, Moçambique. Cresceu no distrito de Morrumbene, onde fez a sua formação primária até ao segundo grau. Posteriormente ingressou no ensino secundário do primeiro e segundo graus, que veio a concluir no Seminário de São Lucas de Inhambane. Formou-se em Filosofia no Seminário Maior de Santo Agostinho da Matola, e Teologia no Seminário de São Pio X de Maputo, onde conseguiu o grau de Bacharel em Teologia pela Universidade Urbaniana de Roma. Licenciado em Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica de Moçambique. Licenciando em Direito Canónico (2º grau Canónico) pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. Mestre em Educação/ Ensino de Filosofia pela Universidade Save - extensão Maxixe. Deu aulas de Bioética, Antropologia Teológica e Introdução à Bíblia na Universidade Sagrada Família da Maxixe. Também deu aulas de religião/ moral na escola pré- universitária Sagrada Família da Maxixe.

EXISTÊNCIA HUMANA PARA ALÉM DA HISTÓRIA – DUAS CONSTATAÇÕES

KARL JASPERS E GABRIEL MARCEL

A presente obra apresenta reflexões sobre a existência humana na perspectiva de Karl Jaspers e Gabriel Marcel. A existência tem vindo a ser um dos aspectos que preocupa o ser humano, tende sempre a melhorias por se tratar de um ser dotado de inteligência. Não há dúvidas de que, desde a criação do ser humano, este aspecto tem vindo a ocupar um lugar fulcral, eis o porquê de fabricar armas nucleares, bombas atômicas, criar meios para sobrevoar o espaço com intuito de melhor conhecer e procurar outros lugares onde seja possível habitar, e entre outras invenções da sua autoria. Assim, falar da existência é trazer um problema reservado ao próprio homem, sua natureza como um problema a ser discutido. Um problema que pode revelar o não conhecimento ou uma ignorância que não venha a afetar a vida do ser humano. Este pode considerar-se um problema impróprio cuja solução não afeta ou modifica a vida do objeto em estudo.

